

Dantielli Assumpção Garcia
(ORGANIZADORA)

Sujeito On e a
sociedade conectada
UM MODO DE CONSTITUIÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

**Sujeito *on* e a sociedade conectada:
um modo de constituição na
contemporaneidade**



Pedro & João
editores

**Dantielli Assumpção Garcia
(Organizadora)**

**Sujeito *on* e a sociedade conectada:
um modo de constituição na
contemporaneidade**



Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Dantielli Assumpção Garcia [Org.]

Sujeito *on* e a sociedade conectada: um modo de constituição na contemporaneidade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 98p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-1106-0 [Impresso]

978-65-265-1107-7 [Digital]

1. Sujeito. 2. Sociedade. 3. Ciberespaço. 4. Discursos contemporâneos. I. Título.

CDD – 370/410

Capa: Luidi Belga Ignacio

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

Apresentação

Este minibook é resultado do Projeto de Pesquisa *O sujeito on na sociedade conectada: um modo de constituição na contemporaneidade*, o qual foi financiado pela Fundação Araucária (CP 09/2021 – Programa Pesquisa Básica e Aplicada). Nele diferentes pesquisadores buscaram produzir reflexões acerca da emergência de uma *posição sujeito on* e de uma sociedade conectada e como ambos se significam a partir das relações com o/no ciberespaço.

No texto *Entretelas no Atelier des Lumières: imersão e entretenimento em discurso*, de Lucília Maria Abrahão e Sousa, analisa-se a discursividade do museu *Atelier des Lumières* e como este se constitui como um museu imersivo. Como afirma a autora: “a era dos acessos e do fluxo ganha concretude no que se mostra ali: a dimensão imensa de telas, traços e luzes amplifica as apresentações, nas quais é possível uma “imersão” na obra do artista. O sujeito leitor é convidado a entrar nos quadros, ter seu corpo integrado à profusão de recortes de luz e sombras com movimentos de várias obras”. Ainda para a pesquisadora, há um fluxo do digital que “convoca à saturação e ao entorpecimento pelo excesso e pela imersão, de outro, há um entretenimento e um efeito de satisfação quase que garantido em participar do momento da exibição. A expansão dos museus imersivos e a frequência do público indicam que, em consonância com a evidência de acessos e trânsitos que a pós-modernidade e o liberalismo fazem circular, tais espaços engordam a olhos vistos, literalmente”.

Luciana Salazar Salgado, em *A digitalidade e seus dispositivos, a subjetividade e suas disposições*, a partir de uma discussão sobre (e diferenciação das) tecnoesfera e psicoesfera, os objetos técnicos (dispositivos) e mediadores de subjetividades (disposições), busca analisar a língua e seus usos nesse jogo constitutivo de subjetividades. Também propõe uma reflexão acerca do papel da

escola nessa dinâmica histórica/social/digital. Nas palavras da autora: *“Penso que é nessa escola que os espaços de co-presença dos mais diversos corpos pode suscitar o estabelecimento de novos parâmetros para os futuros desenvolvimentos tecnológicos, pois as tecnologias não são como são irrevogavelmente, são assim porque os vetores históricos hegemônicos as desenharam”*.

Em *Práticas mortuárias e políticas de memória(lização) em (re)configurações digitais*, Gustavo Haiden de Lacerda e Renata Marcelle Lara objetivam compreender o funcionamento e a historicidade das práticas mortuárias e dos rituais de enlutamento, os quais fazem parte de nossa formação social, com o intuito de refletir sobre sua reatualização no digital. Os autores analisam o processo de (re)configuração das práticas mortuárias no digital a partir das políticas memorialísticas do Facebook. Como apontam: *“A prática de memorialização no Facebook (re)configura as formas (im)possíveis de lidar com os restos mortais em um processo de luto. Precisamente, é com um resto que o sujeito enlutado tem de lidar, com o laço que resta de sua relação com o morto. Conforme também conceituamos neste outro trajeto analítico, por meio da noção de escritura(ção) do luto, o enlutamento é um processo residual e cicatricial que corta/sutura sentidos possíveis para uma perda significativa”*.

Dantielli Assumpção Garcia e Vitória Delpino Castro, no texto *Sujeito e digital: um entrelaçamento sobre o tempo na cidade*, analisam como uma discursividade sobre o tempo comparece no cotidiano da cidade contemporânea a partir de recortes de escrituras urbanas, como lambe-lambe, frases em muros da cidade. Para as autoras: *“Em nossa contemporaneidade cibernética, a falha no tempo do tecnológico se instituiu, pois o sujeito confrontou esse tempo nascente da rede ao fazer circular a sua temporalidade. A falha se mostrou o lugar do possível, pois é onde o sujeito produziu o deslocamento na temporalidade dominante da rede, a desregularização, produzindo outros tempos que não aquele imediatista que lhe é dado a pensar a priori”*.

Por fim, Marcia Ione Surdi, no texto *A mãe não tá on nem off: produção de sentidos sobre corpos-mulheres, corpos-femininos na sociedade conectada*, analisa a produção/os efeitos de sentidos desses

corpos a partir de memes que circulam no espaço digital. Como ressalta: *“Em nossa leitura, os memes do sujeito-mãe nem on/off representa o corpo-mulher, corpo-feminino, que é um corpo cansado, exausto, triste..., que se apropria de um bordão viralizado no discurso digital, que ousa e se revolta porque desloca a afirmação masculina do on para o nem on nem off da realidade feminina (...) Para os corpos-mulheres, corpos-femininos estar nem on nem off não significa não estar bem após um resultado negativo em uma partida de futebol. Não estar nem on nem off é estar num lugar de entremeio (...) Assim, em tempos de sociedade em rede no ciberespaço, os sujeitos, corpos-mulheres, corpos-femininos, circulam e produzem sentidos, ousam se revoltar (...) e dizer que não estão nem on nem off”*.

Convidamos a todas e todos a se aventurarem pelas páginas deste livro e a navegarem pelas malhas do digital que nos constitui como *sujeito on*. Boa leitura!

Sumário

- 11 Entretelas no *Atelier des Lumières*: imersão e entretenimento em discurso**
Lucília Maria Abrahão e Sousa
- 25 A digitalidade e seus dispositivos, a subjetividade e suas disposições**
Luciana Salazar Salgado
- 43 Práticas mortuárias e políticas de memória(lização) em (re)configurações digitais**
Gustavo Haiden de Lacerda e Renata Marcelle Lara
- 63 Sujeito e digital: um entrelaçamento sobre o tempo na cidade**
Dantielli Assumpção Garcia e Vitória Delpino de Castro
- 79 “A mãe não tá *on* nem *off*”: produção de sentidos sobre corpos-mulheres, corpos-femininos na sociedade conectada**
Marcia Ione Surdi
- 97 Nota sobre as autoras e os autores**

ENTRETELAS NO ATELIER DES LUMIÈRES: imersão e entretenimento em discurso

Lucília Maria Abrahão e Sousa
(FFCLRP/USP)

Luz, quero luz
Sei que além das cortinas são palcos azuis
E infinitas cortinas com palcos atrás
Arranca vida, estufa veia
E pulsa, pulsa, pulsa, pulsa, pulsa mais.
Chico Buarque de Holanda

O nosso escrito se divide em três partes, cujo objetivo é analisar a discursividade do *Atelier des Lumières* (ADL): i. definir a particularidade do museu como objeto de nossa pesquisa, ii. tomar a noção de discurso pechetiano, na articulação com o digital, para discutir as relações com a expressão ‘exposição imersiva’, muito regularizada no contemporâneo para museus que não contam com acervo físico e investem na projeção digital, e iii. analisar a exposição de Cézanne conforme está desenhada na página eletrônica do museu.

Inaugurado em abril de 2018, em Paris, o ADL joga, pelo efeito da memória (PÊCHEUX, 1988), com os sentidos sobre o que está dito e legitimado como atelier, quais sejam, lugar em que se trabalha e produz arte, em que se desempenha o fazer de um ofício, em que algo do artesanal e singular criativo está em curso na mão do artista a operar com diferentes materiais. Deslocando e rompendo com tais sentidos, trata-se de um atelier de luzes, de telas eletrônicas e luminosas, de equipamentos de projeção de imagens a desdobrar e origamar quadros de artistas conhecidos, sequências de obras, esboços, páginas de cadernos, manuscritos, fotografias, compondo uma animação marcada pela sonoplastia e pela montagem em vídeo. Munido de 140 equipamentos de vídeo

projeção e 50 caixas de som em um espaço de 2 mil metros quadrados com paredes de até 10 metros de altura, o investimento foi da ordem de 9 milhões de euros, o que é definido como a maior instalação multimídia fixa do mundo capaz de criar exposições imersivas gigantes.

Reabilitada para abrigar o centro, a casa de fundição Plichon do século XIX é décimo endereço histórico francês confiado a fundação Culturespaces (subsidiária do gigante de energia Engie, antigo GDF Suez). Entre os monumentos gerenciados e valorizados pela fundação estão o Museu Jacquemart-André, em Paris, o Hôtel Caumont, em Aix-en-Provence, as arenas de Nîmes e o Carrières de Lumières, em Baux-de-Provence (...) Segundo Bruno Monnier, presidente da Culturespaces: ‘O papel de um centro de arte é quebrar barreiras e é por isso que o digital deve ter o seu lugar nas exposições do século XXI. Colocado a serviço da criação, ele se torna um formidável vetor de difusão, capaz de criar pontes entre épocas, de fazer vibrar as práticas artísticas entre elas, de amplificar as emoções e de tocar o maior número de pessoas.¹

Os efeitos de “quebrar barreiras” e “criar pontes” fazem falar a tecnologia como “formidável”, algo evidente e naturalizado como consensualmente positivo para o campo dos museus. Ora, se não se tem o acervo, é possível conquistá-lo a partir da fotografia digital e o império da imagem está posto como suficiente. Assim, nesse atelier não há acervo, nem mobiliário dos artistas, nem materiais, tintas nem quadros físicos, tampouco cavalete ou espaço de produção de uma obra, o que se apresenta é a edição de imagens gigantes articuladas com movimento. As telas físicas com moldura e assinatura, materialmente dispostas (LAGAZZI, 2021; NECKEL, 2017), são substituídas por painéis digitais de dez metros, que funcionam como superfície para a exposição de um trabalho que não conta com pinceladas nem marcas de pincel e/ou do tempo. Os

¹ Reportagem jornalística sobre o ADL. Disponível no endereço <https://arteref.com/arte-no-mundo/atelier-des-lumieres-primeiro-centro-dedicado-inteiramente-a-arte-digital-de-paris/> Acesso em dezembro de 2018.

rascunhos, as marcas de imperfeições, os traços de correção da mão do artista, as anotações dele podem ser identificados ou apagados a partir do zoom da tela digital, em movimentos de aproximação e de recuo daquilo que a máquina permitiu editar, selecionar, destacar ou apagar.

Assim, no ADL, a exposição de arte é projeção de um filme com duração de menos de uma hora. Imagens pixadas em proporções imensas (“gigantes”, como o diretor afirmou no recorte acima) (des)aparecem pelas paredes, teto e chão, surgem e esfumam-se, movimentam-se e produzem explosões de novas formas, constroem transformações, descolamentos e justaposições de quadros ou traços deles. Assim, composições se dispersam em pontos e se unem na sequência em outra imagem de outro quadro, produzindo a inscrição do tecnológico no modo de fazer circular a obra de um pintor. A pincelada na tela física vira pincelada pixada na tela da projeção digital, e os efeitos disso modificam o conceito de museu e de exposição.

Nesse sentido, a era dos acessos e do fluxo ganha concretude no que se mostra ali: a dimensão imensa de telas, traços e luzes amplifica as apresentações, nas quais é possível uma “imersão” na obra do artista. O sujeito leitor é convidado a entrar nos quadros, ter seu corpo integrado à profusão de recortes de luz e sombras com movimentos de várias obras. Quando entra no retângulo imenso e escuro da sala de exibição passa a ser espectador e parte do vídeo, já que a sombra de seu corpo comparece nos quadros projetados. O corpo que entra também é visível e participa como elemento visual da imersão.

O termo ‘imersão’ vem sendo amplamente utilizado por alguns teóricos da imagem para descrever uma situação em que o espectador experimenta um estado de ilusão capaz de provocar uma sensação de realidade, de presença à distância ou de telepresença. (...) a dissolução de fronteiras, tanto do ponto de vista físico quanto do ponto de vista do pensamento, característica marcante do contemporâneo. (CARVALHO, 2006, p. 141)

Esse traço da dissolução de fronteiras funciona nas exposições com diferentes desdobramentos e, pela saturação (ROBIN, 2016) da imagem, a primazia do fluxo se impõe. Esse abarrotar visual tem efeitos de excesso em diferentes direções: primeiro, porque todos o espaço da sala é preenchido pela animação e não se sabe exatamente para onde olhar, visto que todas as paredes, teto e chão explodem em cores e luzes. Segundo, porque a fusão do vídeo com a sombra dos corpos dos visitantes é um ponto a mais a chamar a atenção do leitor. Finalmente porque a luz e a música convocam, uma vez mais, a uma atenção extra de ver, tentar fixar o visto e ouvir. A imersão é um ponto que, na cultura do digital, afoga o tempo de ver e apressa o tempo do sujeito.

Ademais, há uma extensão que imaginariamente costuraria a obra de Cézanne em um abrir e fechar de cenas que se costumam na exposição. Pelo efeito do puro fluxo, um quadro termina e começa em outro em uma emenda imediata; assim, um traço de paisagem se apaga e continua em outro de natureza morta, por exemplo. Obras plásticas que, em um museu convencional, seriam observadas e apreciadas no um a um com um tempo indefinido de olhar, aqui só podem ser vistas na provocação de um gerúndio que se estende, criando o efeito de uma presença distendida que só se apaga quando sobem os créditos e termina.

O durante da exposição apresenta, assim, o assanhamento do fluxo na relação com a saturação, produzindo o que seria o mais evidente (PÊCHEUX, 1975) e representativo na trajetória de um artista, ou seja, Cézanne é o filme projetado. Ora, sabemos que a evidência faz com que o sujeito promova uma correspondência entre palavra e mundo, nesse caso, acreditando que ali realmente estão as obras representativas de um artista e o mais importante da carreira dele. E, ao mesmo tempo, tal efeito ideológico do sentido único apaga que o ADL produziu uma edição a partir da seleção de obras e documentos a serem mostrados, da programação digital do arquivo (PETRI, 2000; NUNES, 2005) “pertinente e disponível” sobre o nome do artista, da seleção dos movimentos e animação a ser atribuída aos quadros escolhidos. Mais ainda, da produção

musical a acompanhar as imagens e animação. No caso da exposição sobre Cézanne, parece óbvio que a exposição tenha por galeria de imagens o que se segue abaixo a partir da projeção.



2

Aqui surge um paradoxo: se, de um lado, as imagens foram de fato pintadas pelo artista e compõem parte importante da pesquisa dele com a forma e com a luz, por outro, elas não foram compostas exatamente como estão dispostas e circulam no ADL. A imagem estática, nas fotos acima, é diferente da tela original de Cézanne, bem como é diferente da tela em exibição no ADL. Que efeitos ganham as obras do pintor quando são transformadas em telas digitais a mostrarem o quadro em movimento? O atravessamento do digital (DIAS, 2002, p. 33) produz a inscrição de uma obra “vinculada à técnica, à simulação, à virtualidade, ao numérico.”, marcadamente afetada pela saturação de Cézanne, seja pelos tamanhos das telas simultaneamente a projetar estímulos outros que não o quadro, seja pela velocidade como as imagens projetadas se desmancham, seja pelo fluxo da animação, seja pela sonoplastia que acompanha o correr das imagens.

² Todas as imagens desse artigo foram retiradas da página eletrônica do ADL (<https://www.atelier-lumieres.com/en/cezanne>), acesso em março de 2023.

Direction de création : C. Iannuzzi, Conception graphique et animation : Cutback

A travers un parcours thématique et intimiste propice à la réflexion, découvrez le tourment intérieur de Cézanne, la naissance de ses compositions, son approche de la lumière et de la couleur, et son lien avec la nature, qui fut sa plus grande source d'inspiration, son obsession.

Plongez dans la nature, sous la voûte canopée des arbres, forêts, parcs et jardins où l'on aperçoit les baigneurs, pour finir par la représentation cézannienne de la nature par excellence : Bibémus et l'estaque, culminant à la montagne Sainte-Victoire.

Ses peintures sont aussi profondément et complètement sincères, véhiculant l'incertitude et la passion de l'artiste. Découvrez des représentations qui reflètent la vie personnelle de l'artiste : les autoportraits qui capturent son tourment intérieur, la sobriété qui résulte de la lenteur de la vie quotidienne à Aix-en-Provence et l'intimité de son atelier.

Directeur de création : Gianfranco Iannuzzi
 Créateur pionnier d'installations artistiques immersives depuis trente ans, Gianfranco Iannuzzi travaille avec Culturespaces au développement d'expositions numériques à travers le monde, et contribue à la diffusion de la culture et des œuvres d'artistes majeurs via cette nouvelle forme d'expression et d'exposition.

Conception graphique et animation : CUTBACK

EXPOSITION IMMERSIVE

Du 18 février 2022 au 22 janvier 2023

► Du 3 au 22 janvier : lundi, mardi, jeudi de 10h à 18h /
 Vendredi de 10h à 20h.
 Exception le 22 janvier, de 10h à 20h

LES TAUX

Taux plein	15 €
Tarif senior (plus de 65 ans)	10 €

ÉCOUTEZ LA PLAYLIST DE L'EXPOSITION



As imagens acima marcam a conexão entre os quadros originais e o que foi produzido a partir deles, por exemplo, a playlist da exposição indica o que está no momento da exibição do filme, mas também em um outro lugar, qual seja, na rede digital, seja na página do ADL, seja em um aplicativo de música. Os arquivos (MARIANI, 2016) distintos (da exibição e da rede digital) aparecem justapostos e articulados em uma trama de costuras na qual um ponto puxa outro. A tônica nos museus digitais parece indiciar a quebra em uma ordem do repetível sobre museus e exposições, deslocando-os para atelier e sala de exibição, propondo na experiência de imersão, os efeitos de fruição e entretenimento com uma trama digital animada. A noção de começo e comando (DERRIDA, 2001) é cara aqui.

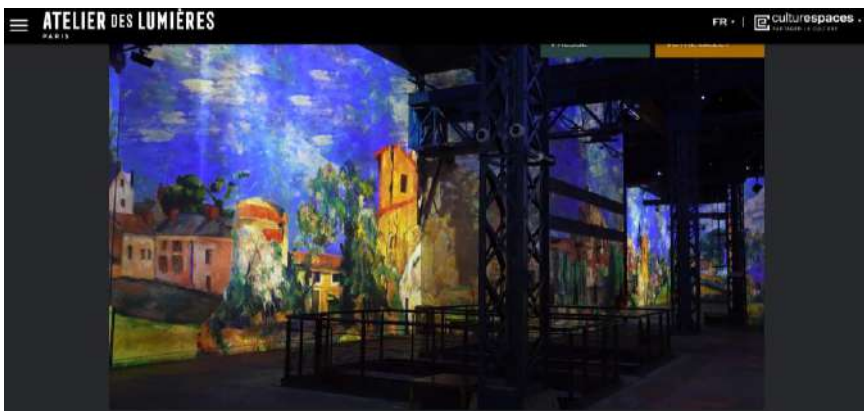
No caso do ADL, vale destacar que originalmente o espaço físico foi uma fundição muito utilizada na Revolução Industrial, nele os sentidos historicamente estabilizados para o trabalho humano jogavam com situações de exploração e sobrecarga física.

A partir de tais efeitos, inscreve-se o espaço museal que joga com outros sentidos para o trabalho agora ligado a máquinas eletrônicas e à edição, cuja lógica binária deixa de lado as soldas, as ferramentas e as prensas de ferro dos trabalhadores braçais bem como os pinceis, cavaletes, palhetas e cartelas de cores dos artistas. Os sentidos de/sobre o trabalho estão em curso sob outras determinações históricas a serem consideradas pelo modo como a imagem passou a circular (Orlandi, 2001) digitalmente.

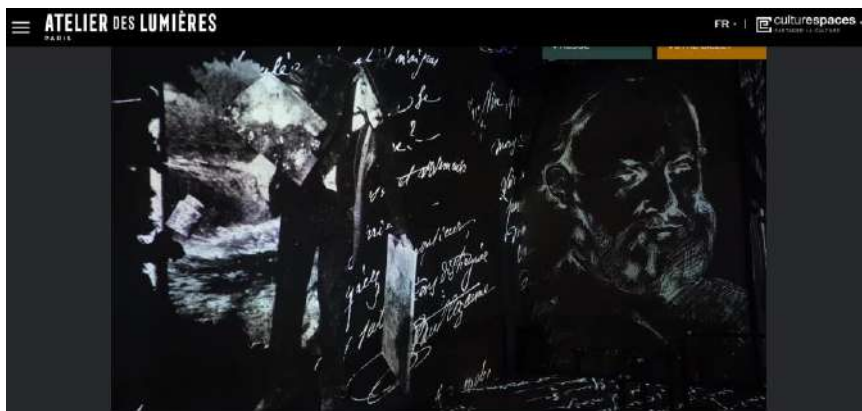
Assim, o ADL instalado dentro de uma fundição que historicamente contribuiu para a produção de matéria prima para os motores da Revolução Industrial coloca em movimento os efeitos de máquinas em produção em um lugar de fazer e de operar as engrenagens, de produzir algo em fluxo, movimento, no caso um movimento antigo que agora é ressignificado. Na pós-modernidade, a relação da imagem com a tecnologia e(m) suas engenhocas de projetar ganha outros contornos, quais sejam, a emergência do fluxo, da emenda e da imersão. E não apenas se o visitante estiver em Paris. Como aplicativo gratuito, conforme recorte abaixo, também é possível ter acesso a exposições das exposições.



Vale destacar acima que, além do ADL pioneiro projeto instalado em Paris, cidades como Bordeaux, Les Baux-de-Provence, Amsterdam e Dortmund têm outros museus desenvolvidos e administrados pelo mesmo grupo. Em rede e em fluxo se colocam, não apenas as exposições dos quadros, mas também a ocupação de lugares diferentes e exóticos para a instalação de empreendimentos do grupo.



Sobre as paisagens pintadas por Cézanne, é possível observar a dimensão da luz que se projeta nas telas gigantes. Um quadro é replicado ou dilatado em algum detalhe que se deseja movimentar. Os fragmentos da mesma tela se espalham pelo teto e chão, produzindo o agigantamento de uma cor predominante ou de um traço discreto. De uma paisagem, o que virá na sequência da exibição é imprevisível. Outro quadro? Ou uma imagem do pintor, ou até um manuscrito? A coerência por época, estilo, tema pouco importa, o que está em jogo é o fluxo, a fruição e o entretenimento.

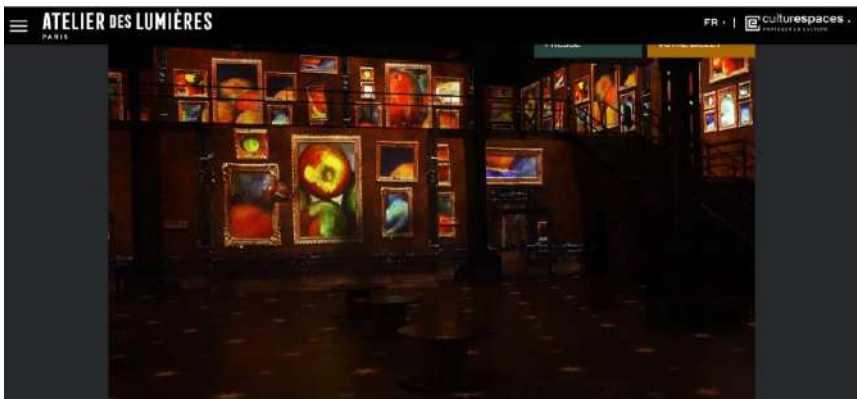


Um autorretrato desdobra-se e explode emendado em um trecho manuscrito, e todo o espaço se faz escuro. Até que nova explosão de cor possa comparecer. As banhistas, por exemplo, foram um tema recorrente na obra dos impressionistas, no caso de Cézanne não foi diferente. Na imagem abaixo, telas em tons azulados exibem diferentes quadros ou fragmentos deles, colocando o visitante entre águas e flores. Todo o céu é água, todo chão é atravessado por ela, todo o olhar é banhado por azuis.





Dos azuis líquidos atravessando os corpos femininos, o fluxo de quadros de natureza morta se abre. Diferentes frutas, jarros, tigelas, travessas são projetadas em um mosaico que se dilata ou diminui, até chegar a telas escuras nas quais as mesmas (e já outras) frutas se colocam. O mosaico abaixo é outro e fixa detalhes de objetos e frutas singularmente dispostas, até que elas explodem e voam dos quadros. As frutas se deslocando produzem um ballet diferente, muito na ruptura, da fixação das mesmas nas travessas sobre as mesas.





As imagens, todas retiradas da página eletrônica do ADL, podem ser apreciadas nas exposições do aplicativo. Estáticas, elas significam como fotografia de modo muito diferente do que quando estão postas como exibição, mas é também dessa contradição que esse trabalho se nutre. Se, de um lado, o fluxo do digital (Dias, 2012, 2016) convoca à saturação e ao entorpecimento pelo excesso e pela imersão, de outro, há um entretenimento e um efeito de satisfação quase que garantido em participar do momento da exibição. A expansão dos museus imersivos e a frequência do público indicam que, em consonância com a evidência de acessos e trânsitos que a pós-modernidade e o liberalismo fazem circular, tais espaços engordam a olhos vistos, literalmente.

Restam aqui apenas apontamentos disso que reclama a presença da navegação também do corpo, das imagens em fluxo e do mundo das formas, cores e luzes em deslocamento, também durante a exibição do arquivo digital do ADL.

Referências

- CARVALHO, V. O dispositivo imersivo e a imagem experiência. **Revista Eco-Pós**, v.9, n.1. 2006.
- DERRIDA, J. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Trad. Claudia M. Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DIAS, C. **Análise do Discurso Digital**: um campo de questões. Vitória da Conquista, Revista Redisco, vol. 10, n.2, 2016.
- DIAS, C. **Sujeito, sociedade e tecnologia**: a discursividade da rede (de sentidos). São Paulo: Hucitec Editora. 2012.
- FARGE, A. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp, 2009. FUKS, B. B. O homem Moisés e a religião monoteísta – Três ensaios: O desvelar de um assassinato. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- LAGAZZI, S. O exercício parafrástico na imbricação material. **Encontro Nacional da ANPOLL**. Niterói, s.p., 2012. Disponível em: <<https://www.labeurb.unicamp.br/anpoll/resumos/SuzyLagazzi.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2021.
- LEANDRO-FERREIRA, M. C. Os andaimes suspensos de Michel Pêcheux. In: MITTMANN, S.; CAMPOS, L. J. **Análise do discurso**: da inquietude ao incômodo lugar. Campinas: Pontes, 2019.
- MARIANI, B. S. C. “Da incompletude do arquivo: teorias e gestos nos percursos de leitura”. In: Dossiê Discurso e Memória. Resgate – **Rev. Interdiscip. Cult.** Campinas, v. 24, n. 1 31, p. 9-26, jan./jul. 2016.
- NECKEL, N. R. M. Tecedura e tessitura do discurso artístico da/na produção audiovisual: materialidades fronteiriças. **Seminário de Análise do Discurso**. Porto Alegre, p. 1-8, 2007. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/3SEAD/Simposios/NadiaRegiaMaffiNeckel.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2021.

NUNES, J. H. Leitura de arquivo: historicidade e compreensão. In: **Seminário de Estudos em Análise do Discurso**, 2, 2005, Porto Alegre. Anais eletrônicos... Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: <http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/interpretacao/Jose_horta.pdf>.

ORLANDI, E. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. (1988). **O discurso**: estrutura ou acontecimento? Campinas: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, M. (1975). **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

PETRI, V. Por um acesso fecundo ao arquivo. In: **Letras**, 21. Santa Maria: PPGL, 2000, pp. 121-125.

ROBIN, R. **A memória saturada**. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

A DIGITALIDADE E SEUS DISPOSITIVOS, A SUBJETIVIDADE E SUAS DISPOSIÇÕES¹

Luciana Salazar Salgado
(UFSCar, IEB/USP)

Tecnoesfera, psicoesfera e a grande meta da padronização

Em trabalhos anteriores, pudemos desenvolver a relação entre dispositivos e disposições nos seguintes termos: os objetos técnicos (dispositivos) são mediadores de subjetividades (disposições).

Esta é uma característica do atual período que, com Milton Santos (1996; 2000), designamos por *técnico-científico informacional*, período que se inicia em meados dos anos 1970, quando tudo é passível de virar “informação” e é, por isso, virtualmente distribuível. Virtualmente, sublinhemos: potencialmente. A questão é quem produz a informação – por exemplo, o valor do dinheiro, que desde aí, com a quebra da paridade ouro-dólar, passou a funcionar numa correlação de forças que informa o quê vale quanto. Da resposta a essa questão decorre a distribuição resultante de uma dada correlação de forças, isto é, decorrem os fluxos que viabilizam a circulação da informação produzida.

Não se trata de pensar num imenso mar aberto, como frequentemente o senso comum vê a chamada *internet* – a rede que nos seus primórdios foi referida como *hipermídia* – cujas infovias, bastante meândricas, operam uma lógica segmentadora e padronizadora cultivada desde o século XIX. Foi durante o processo de urbanização industrializada que se instaurou um certo

¹ Este capítulo faz parte das atividades relativas ao Projeto Temático Aprendizagens universitárias em práticas contemporâneas de letramento acadêmico-científico na formação de professores de ensino básico e de pesquisadores globalizados, FAPESP, Processo 2022/05908-0.

conceito de *cultura* e houve institucionalizações do que então se abarcava com esse termo: modos de viver e modos de representar esse viver. A partir daí, como nos propõe Armand Matellart (1995), a indústria da cultura funcionou como “domesticação do diferente”, definindo nivelamentos e padronizações dados pela régua das nações “civilizadoras”, que passaram a se ocupar, em escala planetária, da “salvaguarda da diversidade cultural”. Um paradoxo que institui uma forma de controle muito eficaz: reconhece-se a diversidade, inscrevendo-a numa rede de correlações pautadas por quem estabelece a rede.

Isso se dá fundamentalmente porque as formas de organização racional do mundo industrializado, atualizadas na divisão do trabalho e na diferenciação de funções, altera formas de sociabilidade, fazendo conviverem um certo pluralismo ligado às noções de autonomia e de liberdade (de indivíduos, grupos, comunidades, nações) e uma crescente normatização das atividades, com a permanente tensão suscitada pela proliferação de fontes de fragmentação (novos fluxos de pessoas, novas formas de emprego, novas necessidades de formação e qualificação). Instaure-se assim o *mundialismo*, um estreitamento do mundo materializado, por exemplo, na densa rede de cabos submarinos instalados na virada do século XIX para o XX. Ou nas novas práticas de intervenção territorial, que, em nome da *liberdade* e da *democracia*, transitarão pelo globo como forças expedicionárias que visam garantir o bom funcionamento local onde supostamente falham a *liberdade* e a *democracia* celebradas globalmente. Ou na crescente organização de associações de classe supranacionais que produzem reuniões cada vez mais frequentes, progressivamente viabilizadas pelo desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação. O que hoje chamamos de *mobilidade* nascia como meta neste momento, norteando os investimentos em dadas formas de tecnologia.

As duas guerras mundiais são marcos disso, é depois delas que o manejo da opinião pública, circunscrevendo a própria noção de *opinião pública*, se põe como política de Estado. No âmbito da

ONU, a Unesco deve zelar por valores universais “da educação, da ciência e da cultura”. Nesse período, Hollywood se firma como indústria cinematográfica, apoiada nas exigências do Plano Marshall. A indústria fonográfica, bastante ligada à cinematográfica, também se expande, subsidiando rádios e casas de espetáculo no mundo todo. A publicidade e o marketing passam a cursos universitários que legitimam a pesquisa sobre a difusão não só de produtos, mas de marcas, símbolos que produziram novas formas de pertença social – a grife estampada do lado de fora das roupas é uma das materializações dessa diretriz.

Nessa configuração, as empresas multinacionais revelam-se cada vez mais transnacionais, e esse movimento desigual e vário sustenta o paradoxo da diversidade cultural submetida à industrialização que produz normalizações e padrões. Paradoxo que se instaura na transição do fordismo à acumulação flexível, diretamente ligada ao advento das novas tecnologias de informação e comunicação, que estruturam muitas redes. Assim foi criada a *informação monetária* pela Reuters, que substituiu a paridade ouro-dólar pelo padrão megabyte. Simbolização?²

Nos anos 1970, o *free flow of information* que pautava as políticas de Estado dos EUA se implantou em muitos países, aos quais cada vez mais aparelhos tecnológicos chegavam, instituindo novas práticas do que se passou a chamar internacionalmente de *comunicação*: acesso e participação nos fluxos de informação.

Entre outras coisas, *comunicação* passa a ser um termo que figura em nomes de ministérios, secretarias e toda sorte de instância administrativa decisória, em instituições públicas e privadas; a diversidade é comunicada como padrão de excelência. Em termos discursivos, isso é muito relevante: ser diverso supõe um parâmetro de comparação – diverso de quê? Toda a indústria

² O dólar permaneceu como símbolo forte, mas se abriu a possibilidade do que vemos agora, quando se impõem transações lastreadas por riquezas e produtividades tangíveis, que resultam na desdolarização da economia mundial, potente indício do declínio do imperialismo norte-americano.

cultural será afetada por essa pergunta, porque será chamada a mostrar “diversidade”, e isso só será possível com o desenvolvimento de precisos instrumentos de domínio eletrônico do tempo que permitam a observação e a medição dos públicos, das flutuações de seus comportamentos. Trata-se de considerar que

não há cultura sem mediação, não há identidade sem tradução. Cada sociedade retranscreve os signos transnacionais, adapta, os reconstrói, reinterpreta, reterritorializa-os, “ressemantiza-os”. E isso em diversos graus, de acordo com os campos, segundo o “coeficiente de internacionalização”, como diriam Durkheim e Mauss, das sociedades e dos grupos. (...) Visão reticular da organização social, retorno ao sujeito em seu estatuto de ator, aos mediadores e intermediários, aos vínculos intersubjetivos, aos rituais do cotidiano, aos saberes comuns, às artes de fazer dos usuários ou praticantes, às identidades de proximidade e às inscrições múltiplas (MATTELART, 2005, p. 97/8).

Desse modo, as tecnologias da informação e da comunicação trazem ao período elementos inéditos, já que, além dos eixos das sucessões e das coexistências, impõem a ubiquidade, um efeito de simultaneidade espaciotemporal que é explorado na acumulação de capitais em diferentes setores econômicos.

Evidentemente, além das possibilidades técnicas, houve articulação política entre agentes públicos e privados para que a circulação de informações (na forma de ordens, dinheiro, imagens, textos etc.) se efetivasse de modo operacional e confiável. Esse esforço instituiu novas formas de relação entre corporações e entre o público e o privado. Também conduziu à estruturação de sistemas de objetos técnicos mais precisos, compostos por intensos conteúdos científicos, e conseqüentemente foram se tornando monofuncionais e rígidos, condição de seu bom funcionamento com comandos a distância³. A esse respeito, Santos discrimina

³ “Esse processo que pressupõe a participação de agentes variados da esfera pública e uma gama diversa de agentes corporativos e não-corporativos, além dos

quatro *elementos da globalização* como aspectos explicativos de uma totalidade em movimento: há um *motor único* ligado à *unicidade técnica*, produtora de uma experiência de *convergência dos momentos*, correlata da *cognoscibilidade planetária*. Compreender a lógica que preside o atual período, assentada em fluxos proliferantes, implica compreender relações entre tais elementos.

O *motor único*, alimentado pela mais-valia global que se forma a partir da criação da informação monetária, é uma forma dominante de produção e expansão do capital e se manifesta predominantemente como capital financeiro, mas não substitui os motores que já existiam. Desse modo, há o motor único, planetário, das negociações entre países, entre grupos, entre comunidades, mas há também os vários motores que constituem o sistema econômico atual – o motor canadense, o mexicano, o brasileiro, o alemão etc. Por *unicidade técnica*, o autor refere conjuntos de sistemas feitos de objetos técnicos ubíquos e universais, cuja tendência é a unificação. Eles têm a capacidade de unificar os demais sistemas, impor ritmos e instaurar lógicas e finalidades para seu funcionamento. De fato, sem a fase fordista precedente, essa dinâmica não seria possível, porque antes da unificação foi necessária a etapa de padronização dos sistemas técnicos, bem como de suas normas de uso.

Essa aceleração da história traduzida pela emergência de novas técnicas que permitem a conexão instantânea entre diferentes lugares e que instauram novas práticas sociais, institui a *convergência dos momentos*; a possibilidade que hoje temos do conhecimento instantâneo do acontecer do outro. O planeta, esquadrihado pela unicidade técnica, é visto como uma unidade na qual se podem refazer rapidamente as conexões que dão coesão a sistemas de objetos e de ações. Essa apreensão global e totalizante

novos agentes governamentais e não-estatais – as ongs –, conduziu a profundas transformações; inclusive novas formas de direito (*Lex Mercatoria*, direito da produção, direito sistêmico), isto é, novas regulações para dar conta das práticas inéditas promovidas pela simultaneidade.” (SALGADO; ANTAS Jr., 2011, p. 264).

é precisamente a *cognoscibilidade planetária*, que retoma a superfície da Terra como plana, pois há uma matematização da paisagem com a produção e a difusão instantânea de conhecimentos, mais ou menos banais, mais ou menos científicos, de todo tipo de informação localizada na rede mundial de computadores e que orientam as ações de todo tipo.

Com base nesse entendimento do mundo globalizado, vemos que a complexidade que estabelece os conjuntos de sistemas de objetos técnicos não é neutra, é historicamente delineada, socialmente negociada, ideologicamente instituída:

Não há objeto que se use hoje sem discurso, da mesma maneira que as próprias ações tampouco se dão sem discurso. O discurso como base das coisas, nas suas propriedades escondidas, e o discurso como base da ação comandada de fora impelem os homens a construir a sua história através de práxis invertidas. Assim, todos nos tornamos ignorantes. Esse é um grande dado do nosso tempo. Pelo simples fato de viver, somos, todos os dias, convocados pelas novíssimas inovações a nos tornarmos, de novo, ignorantes; mas também a aprender tudo de novo... (SANTOS, 2009, p.87).

A potência difusora de tudo o que se conhece e do tanto que se desconhece tem a ver, então, com os sistemas de objetos que configuram conjuntos em suas dinâmicas históricas, inextricavelmente ligadas aos sistemas de ações, que também configuram conjuntos em suas dinâmicas históricas. Importa frisar que, quando se diz *inextricavelmente*, não se está designando uma relação de correspondências biunívocas. Essa é a complexidade da sintaxe dos objetos e dos processos de subjetivação. Desse raciocínio derivam questões que aqui são mencionadas de modo a apenas delinear essa complexidade.

O primeiro deles é que informação e comunicação devem ser consideradas coisas distintas, o que, dito assim, parece óbvio, mas decerto não é simples. Nesta ocasião apontemos para os termos como um par, entendendo *informação* como dado frio, construído

muitas vezes com apagamento de seu processo de construção; *comunicação* como dado posto em dinâmica, funcionando socialmente. Aí reside um caminho de abordagem das problemáticas da *cultura remix*.⁴

Com isso, é possível entender que os dispositivos, articulados como conjuntos de sistemas de objetos, constituem uma *tecnoesfera* geradora de uma *psicoesfera*, isto é, de disposições como crenças, valores, formas de comunhão com o Universo, definidas em conjuntos de sistemas de ações que recaem, por sua vez, sobre as técnicas e as normas que dão vida aos componentes da tecnoesfera, geradora de uma *psicoesfera*... Um moto-contínuo, não fosse a história. (Cf. SANTOS, 1996)

Com base nesse entendimento das relações entre os objetos nada neutros, estabelecadores de um sistema mediador, e os sujeitos nada fixos, produtores e produzidos nessa mediação, podemos dizer que *tecnoesfera* e *psicoesfera* afetam-se constitutivamente, que não são dimensões do viver unívocas ou homogêneas, embora submetidas a hegemonias estabelecidas na dinâmica histórica.

Em todo caso, onde há hegemonias há também alternativas, clandestinidades e resistências. Diante desse quadro, desdobro a reflexão sobre a atual correlação de forças desse jogo ao apresentar o que me parece uma questão de fundo, ainda pouco considerada: a língua e a digitalidade – a lógica que preside a técnica hoje predominante.

Língua, balizas semânticas e a grande chance de transformação

Ao contrário do que está muito fortemente estabelecido no senso comum, a língua é opaca, movente, plástica...

⁴ “Seja um texto ou para além do texto, remix é colagem, combinação de elementos da cultura RO [*read-only culture* por oposição a *read/write culture*, participativa], que se dá com o alavancamento do sentido criado, tomado como referência para construir algo novo.” (LESSIG, 2008, p. 76. tradução nossa)

Frequentemente se pensa na língua como um instrumento que fica guardado e se pega para usar tal como é, mas ela não é bem instrumento ou ferramenta; quando se fala uma língua, de fato se habita essa língua, habita-se o mundo que nela se constrói.

Pensemos, por exemplo, numa cena que temos visto com alguma frequência não só no Brasil: uma menina é violentada, engravida, consegue na justiça o direito de interrupção da gravidez (e vejam que aqui esse termo é muito importante, porque é uma paráfrase estratégica da palavra *aborto*, carregada de embates morais de longa data...), e na frente do hospital onde o procedimento será realizado postam-se dois grupos cujos cartazes clamam pela “vida”. Para um dos grupos, esse termo refere a menina, sua jornada, seus direitos; para o grupo autodeclarado anti-abortista, essa palavra refere o que ele insiste em chamar de *bebê, criança, filho...*

Podemos pensar em outros tipos de disputa semântica, como o rebuliço que se produziu quando Dilma Rousseff, recém-empossada, propôs-se como *presidenta*, numa flexão de gênero gramatical prevista no sistema linguístico do português brasileiro, mas que gerou um volume incrível de discussões sobre o que alguns consideraram um ato subversivo, subversão de uma ordem atribuída à língua, como se a língua fosse uma entidade supra-humana que não admitisse essa intervenção – de fato, esse uso.

Podemos pensar, em contraponto a isso, na chamada *linguagem neutra* (ou linguagem não gendrada, ou não binária, ou inclusiva, há flutuações na designação) que põe problemas interessantes para o próprio sistema linguístico. Consegue-se garantir um vocativo neutro, algumas flexões iniciais, mas não é fácil prosseguir numa longa fala ou em textos escritos mais compridos do que uma postagem fazendo todos os ajustes automaticamente. Simplesmente porque habitamos uma língua em que essa possibilidade não está sistematizada. Há muita gente que diz ser favorável a esses usos, mas que os acha incômodos. Ora, é justamente essa a proposta quando se propõe mexer na língua,

bulindo com aquilo que ficou sacramentado com base na exclusão de coisas importantes.

Enfim, a língua se transforma conforme seus usos, é permanentemente construída pelos seus falantes, pelas decisões que eles tomam, pelas restrições que eles vivem, pelas invenções que eles fazem, e por isso é a arena das arenas. Nela se estabilizam e se desestabilizam imaginários, pois a disputa pelos sentidos de uma palavra é sempre uma disputa pela descrição do real. E é possível disputar os sentidos de uma palavra porque os sentidos que ela suscita não estão nela exatamente, e sim na relação que estabelece com outras palavras que aparecem junto com ela, ali onde ela aparece.

Nesse ponto, é preciso levar em conta a digitalidade, porque os modos de aparecimento dos enunciados hoje são predominantemente digitais; mesmo quando um dizer circula em ambiente não digital, ele é pautado pela lógica da digitalidade. Um exemplo corriqueiro pode ser esclarecedor: uma camiseta com uma hashtag (unidade técnica que produz a acumulação de enunciados afins) indica que há aí uma palavra de ordem, pois as hashtags ganharam esse sentido de posicionamento político ao servirem às formas de organização preferenciais da chamada militância digital.

Em linhas bem gerais, podemos sintetizar essa lógica tal como funciona hoje:

- sabemos que atual arquitetura da malha técnica digital não é o que é por uma fatalidade, é uma construção histórica, foi sendo historicamente desenvolvida nessa direção: os atuais modelos de negócios baseados em massiva coleta de dados, com cruzamentos cada vez mais sofisticados, levaram a formas de captura cada vez mais eficazes do tempo e do desejo dos usuários, que fornecem dados e rastros de navegação em toda atividade na internet, sem ler termos de uso dos dispositivos, sem conhecer seu funcionamento. E os usuários fazem isso em nome de facilidades, otimizações e também de um pertencimento social que é encenado nos *avatars*, *perfis*, *identidades* (vejam-se os termos correntes para designar os sujeitos...);

- ou seja, os desenvolvimentos tecnológicos foram impulsionados na direção de uma aceleração do viver com essas otimizações de tudo: notificações, recomendações, combos de notícia, de compras etc., tudo formulado e oferecido com base na previsibilidade e na modulação de comportamentos (SOUZA; AVELINO; SILVEIRA, 2019), e assentado numa naturalização da mostraçã de si, de uma mostraçã de si que pretende ter *seguidores* (veja-se o termo de novo...), seguidores capazes de apreciar os feitos cotidianos, que podem se resumir a um prato num restaurante descolado ou caro, dependendo dos valores da rede em que se está postando, seguidores que celebram as subjetividades encenadas;

- uma mostraçã de si fortemente acentuada com o advento dos smartphones, que funcionam como órteses ou mesmo como próteses de seus portadores, e, neles, o advento dos mensageiros, aplicativos altamente privativos, por meio dos quais se instaura de vez o sentimento de que há mundos paralelos e o que importa é construir e preservar o seu próprio, garantindo a possibilidade de viver só nele, sem o confronto com a diferença;

- do que resulta o paradoxo já abordado: num mar virtual de muitas e muitas coisas possíveis, em meio a uma profusão de rumor público, os usuários são conduzidos por caminhos muito customizados; cultiva-se o mito da vastidão enquanto se pratica o fechamento no já conhecido; pensa-se nos motores de busca como amplas vitrines, quando de fato funcionam como uma pinça.

Se assim se distribuem os dizeres, os modos de dizer, como consensuar sentidos entre falantes que mal se falam? Não se encontram, não estabelecem, no viver de todo dia, as balizas semânticas a partir das quais vão disputar os sentidos dos termos, vão pactuar a estabilizaçã de certas formas de dizer o mundo.

Esse fenômeno da perda das balizas semânticas ficou muito evidente num caso recente que vale a pena mencionar, emblemático. Refiro-me ao caso de uma professora da educaçã básica do Distrito Federal que publicou na plataforma Instagram, em 20 de abril de 2023, numa típica pose de mostraçã de si, o

enunciado: “look de hoje: especial massacre”, sugerindo como legenda: “se eu morrer hoje, estarei belíssima pelo menos”.

Essa postagem viralizou, como se diz, porque foi feita no momento em que sucessivos ataques terroristas a escolas e creches aconteceram, no início do ano letivo de 2023, e se discutia amplamente que cultura teria levado a isso, se haveria orquestração dos eventos etc. Nessa altura, o Ministro da Justiça e Segurança Pública enunciava repetidas vezes, diante das inúmeras convocações midiáticas, que, havendo materiais com termos como *fascismo*, *nazismo*, e quaisquer enunciados de estímulo à violência na escola, os autores das postagens seriam detidos.

A professora foi indiciada pela Delegacia de Repressão aos Crimes Cibernéticos por provocar alarme e praticar ato capaz de gerar pânico ou tumulto, mas aqui, nesta reflexão, importa observar sobretudo o modo como teve de se explicar para além desse tipo de enquadramento legal: na mesma rede, para seu próprio público. E o seu argumento em defesa da postagem foi tratar-se de “humor ácido”.

Argumento plausível, uma vez que nos interessa pensar sobre o encadeamento de elementos semânticos de sua explicação, com os quais propõe um imaginário contextualizador de seu enunciado. No vídeo de retratação, ela argumenta ser *mãe de uma menina pequena*, ser *uma professora* que, como todos os professores de que tivemos notícias nesses tempos, estava *pronta a proteger os estudantes*, a que chama carinhosamente de *os meninos*, fala do descaso com a educação pública que deixa os professores à mercê de um ambiente cheio de ameaças (veladas ou não) cotidianas, e diz ser *boca de sacola*, alguém que se posiciona, *que fala mesmo!* E repete muitas vezes sua surpresa com o entendimento que tiveram de sua postagem, de que estaria incitando à violência na escola. Diz repetidas vezes que essa leitura *não faz sentido*, diz coisas como “pra quem me conhece, não faz sentido”, “não faz sentido supor que eu faria isso”... Ela se esforça para erigir as balizas semânticas a partir das quais seu enunciado deve fazer sentido: ela afirma categoricamente que se tratou de humor ácido diante da dura

realidade que vive, um modo de seguir a vida no meio do “caos”, como refere seu dia a dia de trabalhadora.

Por fim, ela lamenta que não viralizem os “conteúdos” que produz sobre o modo como inova na escola, procurando estimular em seus alunos o interesse pela matemática. E então ela manda beijos para os seus apoiadores, agradecendo pelas mensagens e sugere que seus detratores *leiam mais, leiam literatura*, apurem sua capacidade de interpretar textos.

O caso é mesmo exemplar. Os sentidos do que ela posta vibram conforme um contexto imediato, radicado numa dada conjuntura histórica, num dado tipo de dispersão do que se diz, a saber, numa rede especialmente voltada à mostraçãõ de si, a partir da qual se criou um qualificativo de farto uso hoje: *instagramável*. Essa qualidade é atribuível ao que se considera digno de ser mostrado. Tudo isso participa da produção dos sentidos do que ela enunciou. E é interessante notar, ainda, que muitos portais jornalísticos deram o caso com enunciados como: “Professora tenta se explicar” – o pressuposto em funcionamento: não consegue. Os comentários nesses portais são majoritariamente pelo seu sumário cancelamento (sendo este termo também digno de nota: cancelam-se pessoas); enquanto em outros portais, nos quais aparecem enunciados do tipo “Professora se explica/se arrepende”, os comentários, mesmo os que condenam sua postagem, têm espaço para ponderações.

Certamente se poderia dizer muito mais sobre esse caso, mas o ponto está firmado: vemos aí a tal crise das balizas semânticas, a crise da domesticação do diferente que, por um lado, estabeleceu padrões de uso que parecem inquestionáveis – como a psicosfera das facilidades que levam os usuários a aderir cegamente aos produtos e serviços que se impõem ao pertencimento social –; por outro lado, distribuiu tão customizadamente os conteúdos, que trançou cada um em sua própria semântica, todos supostamente poupados da disputa pelos sentidos, impedidos, portanto, da construção do comum.

E como foi que chegamos a isso?

Sabe-se pouco sobre o tanto que os dizeres precisam circular para dizerem efetivamente, para fazerem sentido. Sabe-se pouco sobre como o que há da tela para lá filtra, seleciona, interfere nos modos de dizer. São esses dois desconhecimentos – sobre a língua e sobre a malha técnica digital que distribui seus usos – que, amalgamados, conformam uma espécie de substrato favorecedor do atual ambiente de hostilidade no qual grassa a informação sem lastro.

Por isso, diante do fenômeno da desinformação, para usar um termo em voga, importam demais as políticas linguísticas: leis e normativas, como a decisão sobre a língua estrangeira que vai frequentar o sistema escolar; tratados e acordos de Associações como a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP, disseminação de gramáticas diversas, não apenas as prescritivas mas sobretudo as descritivas, de dicionários atualizados etc. – toda política editorial tem dimensões linguísticas legitimantes.

E também importa demais que haja regulação das mídias, evitando-se, entre outras aberrações, a propriedade cruzada, cujas consequências conhecemos bem; respeitando-se a deontologia do jornalismo. E que haja regulação das Big Techs, sobretudo das plataformas que se recusam à responsabilidade do que põem a circular, alegando não serem produtoras dos conteúdos que nelas circulam. Afinal, a digitalidade, assomando os usuários da tela para cá, impõe modos de viver. Aplicativos gerem as relações de trabalho – tanto entre os chamados trabalhadores de aplicativos quanto entre os servidores públicos ou os gestores corporativos, cujos rastros no sistema são o que efetivamente se avalia de sua produtividade. Plataformas articulam conteúdos, grupos de pessoas e serviços conforme sofisticados cruzamentos de dados que definem as redes tecíveis, convocando cada um de seus nós a encenarem-se deste ou daquele modo. Mensageiros distribuem massivamente e assim estocam uma variedade complexa de gêneros textuais de valores distintos – reportagens, memes, montagens – numa velocidade vertiginosa, que não permite reflexão, apenas adesão ou recusa conforme balizas previamente

dadas – a lógica dos cardápios se soma à demanda acelerada por decisão e, então, age-se por impulso, não há ponderação.

Nesse universo das previsões calculadas e das metas que delas decorrem, às quais respondemos com prontidão, é interessante pensar na comoção havida com o assistente virtual ChatGPT, um entre tantos bots desenvolvidos para articular imensas massas de dados em resposta a comandos. A publicização desse assistente específico, da empresa OpenAI, que se apresenta como um laboratório em pesquisa sobre *inteligência artificial* (e eis mais um termo merecedor de consideração) gerou um rumor público notável. Nesta ocasião, retomo dois pronunciamentos que vieram de lugares um tanto distintos e representam, em boa medida, o que se disse sobre esse chatbot e a subjetividade como condição humana.

Em artigo intitulado “Unheimlich: The Spiral of Chaos and the Cognitive Automaton” (2023), o filósofo Franco Berardi (Bifo) convoca a noção psicanalítica de “estranho familiar” para descrever a experiência civilizacional de manutenção de uma “normalidade em decomposição”, na qual uma desintegração de formas culturais e geopolíticas se dá no convívio com uma insistente retomada dos parâmetros que as integravam. Isso se passa, segundo Bifo, porque a uma crescente inteligência artificial corresponde uma acentuada “demência natural”, que consiste em delegar o curso da vida aos objetivos que máquinas aprendem a estabelecer por si, no seu chamado auto-aprendizado. O que nos leva à *agonia do Eros*, nos termos de Byung-Chul Han (2018): abdicamos do contato com o insabido, atemo-nos estritamente ao que encenamos sobre o que somos, chafurdando sempre em mais do mesmo, recusando qualquer transformação operada pelo confronto, pelo embate, pelo susto, pela surpresa, por experiências de alteridade, enfim.

Em artigo intitulado “The False Promise of ChatGPT” (2023), o linguista Noam Chomsky, em coautoria com Ian Roberts e Jeffrey Watumull, convoca como mote Jorge Luis Borges, em suas formulações sobre tempos de “grande perigo e promessa”, nos quais se vive na “iminência da revelação” sobre nós mesmos. A

partir desse mote, questiona a inteligência da máquina: ela não é capaz (ainda?) de conjecturar, de hipotetizar, de fabular. Pode até emular hesitações ante as incertezas, mas não sabe trabalhar com elas. O que nos leva a pensar em termos de *tecnoceno*, conforme propõe Flavia Costa (2021), uma era em que novas formas de vida surgem, como os algoritmos e os biohackers, entre outras existências que se impõem à existência humana, a sua organização social, sua experiência espacial, temporal, alterando a correlação de forças do que se descrevia como modernidade – Estados laicos, indivíduos livres de coerções que não as políticas, economia em boa medida auto-regulada, ciência desinteressada, etc.

Com essas considerações, volto à comoção com as capacidades responsivas do ChatGPT para chamar atenção para o fato de que é o desconhecimento do que esse bot é capaz de fazer que suscita arrebatamentos. Se voltamos aos dois desconhecimentos que enunciei, vemos que se desconhece a própria capacidade humana de elaboração das ideias em linguagens e desconhece-se que os bots cumprem com excelência o que foram programados para fazer: padronizar o mais precisamente possível uma gigantesca quantidade de informação. Os textos do ChatGPT são a epítome dos textos padronizados que há muito os humanos fazem. Por exemplo, nos gêneros acadêmicos cada vez mais restritivos; nos posts, sempre muito formatados pelas diretrizes das plataformas; nas entrevistas cada vez mais dirigidas a uma meta de circulação... Criamos uma máquina que executa modelarmente o que vimos executando, uma mesmice explorada à exaustão.

Não há dúvida de que tudo o que foi dito acima merece desdobramentos, aprofundamentos, articulação de novos dados, entretanto, para o argumento deste texto, parto desse breve registro para pôr em relevo que, diante desses dois desconhecimentos, importa igualmente que se multipliquem os espaços ordinários de encontro das diferenças, pois é a partir deles que se pode difundir o entendimento de o que se diz, do modo como se diz, nos dispositivos destinados à difusão dos dizeres, é que estabelece o

real percebido, as referências do viver, as disposições de cada um ante o comum construído – ou por construir...

É porque não estamos mobilizados nas situações de disputa dos sentidos, que demandam esforços de circunscrição, que estamos vivendo uma verdadeira fratura social, ambiente absolutamente propício aos golpes de toda sorte: simplesmente não se entende o que outro diz de si e do mundo que vê, e quanto mais isso parece estranho, mais temor provoca o aferramento ao já conhecido; sem os espaços de elaboração da diferença, o que resta é impulso de aniquilamento do que agita as águas paradas.

É justamente aí que a escola aparece como um lugar de fomento à transformação desse estado de coisas. A escola como espaço de reconhecimento (de si, do outro) e de conhecimento (de como a língua é demarcadora de si e do outro; de como os modos de distribuição de seus usos nos organizam socialmente).

Esteja claro que me refiro às escolas nas quais se encontram os cidadãos em formação. Não valem as escolas destinadas a adestrar uma classe semi-ilustrada para gerenciar o sistema de manutenção dos padrões. Falo da escola que reúne todo mundo e que, portanto, precisa organizar permanentemente essa reunião. Essa escola é o mais importante espaço de sociabilidade que podemos ter em termos de formação de outros mundos possíveis. É por isso, creio, que a luta pela escola é a luta maior que devemos travar. O belo movimento “dos secundas”, havido no Brasil entre os anos 2015 e 2018, pautado pela tríade “desobediência, organização e reivindicação” é um indício contundente dessa escola que enxergo como horizonte.⁵

É nessa escola que se pode desenvolver como projeto político a atividade epilinguística: usar a língua para falar da língua e de

⁵ Há muitos materiais sobre esse movimento, etnográficos inclusive. Para localizar a discussão que os “secundas” suscitaram, um artigo de Jean Tible publicado no site do Instituto Humanitas Unisinos parece bastante instrutivo: “Para enxergar os ‘secundas’ além do romantismo”. Disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/563645-para-enxergar-os-secundas-alem-do-romantismo>, último acesso 4 jun 2023.

como ela se distribui nos enunciados postos em circulação. Esse *como funciona* é o pulo do gato.

Penso que é nessa escola que os espaços de co-presença dos mais diversos corpos pode suscitar o estabelecimento de novos parâmetros para os futuros desenvolvimentos tecnológicos, pois as tecnologias não são como são irrevogavelmente, são assim porque os vetores históricos hegemônicos as desenharam.

Retomando uma importante diferenciação entre *cibercultura* e *cultura digital*, que nos permite lembrar que operar sobre a tecnoesfera permite transformar a psicoesfera, penso numa escola em que seja enfatizada a cultura digital (de partilha, de abertura) e não somente a cibercultura, termo que designa a cultura herdeira direta da cibernética nos seus aspectos técnicos e filosóficos: basicamente, a hiperprecisão dos sistemas de controle, cultura prevalente hoje⁶.

E é por isso que insisto na escola como um lugar de permanente pensar no mundo, pensar mundos, o que corresponde a experimentar os usos da língua e seus modos de distribuição. Essa escola é a chance que temos de nunca perder de vista que tudo está o tempo todo em construção, e que somos todos responsáveis pelo que se vai construindo.

Esse é, afinal, um importante fundamento da democracia: trabalho ininterrupto de sujeitos em interlocução, dispostos a conhecer os dispositivos com que operam.

⁶ Vários trabalhos desenvolvidos no âmbito do Grupo de Pesquisa Comunica – inscrições linguísticas na comunicação (UFSCar/CEFET-MG, CNPq) operam com essa distinção. Um texto que apresenta as noções delineadas no contexto dos estudos da linguagem, intitula-se “A dimensão algorítmica dos discursos ou como a língua se textualiza nos mídiuns digitais”. In ABREU-TARDELLI et all. (2021)

Referências

- BERARDI, Franco. Unheimlich: The Spiral of Chaos and the Cognitive Automaton. **E-flux**, 10 mar 2023. Disponível em <https://www.e-flux.com/notes/526496>, último acesso 4 jun 2023.
- COSTA, Flavia. **Algoritmos, biohackers y nuevas formas de vida**. Buenos Aires: Penguin Random House Grupo Editorial Argentina, 2021.
- CHOMSKY, Noan; ROBERTS, Ian; WATUMULL, Jeffrey. The False Promise of ChatGPT. **The New York Times**, 8 mar 2023. Disponível em <https://www.nytimes.com/2023/03/08/opinion>, último acesso 4 mar 2023.
- HAN, Byung Chul. **A agonia do Eros**. Trad. Enio Pulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.
- LESSIG, Lawrence. **Cultura Livre**. Trad. Flávio Emilio Costa. São Paulo: Trama, 2005. CC BY.
- MATTELART, Armand. **Diversidade cultural e mundialização**. Trad. Marcio Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2005.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- _____. **A Natureza do Espaço**. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SALGADO, Luciana Salazar. “A dimensão algorítmica dos discursos ou como a língua se textualiza nos mídiuns digitais”. In ABREU-TARDELLI; GARCIA, Talita Storti; FERREIRA, Anise de Abreu G. D'Orange (orgs.) **Pesquisas em Linguagem: Diálogos com a contemporaneidade**. Campinas: Pontes, 2021, pp.12-29.
- SALGADO, Luciana Salazar; ANTAS Jr., Ricardo Mendes. “A criação num mundo sem fronteiras: autoria no período técnico-científico informacional. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, Maringá, v. 33, n. 2, p. 259-270, 2011.
- SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (orgs.). **Sociedade de controle – manipulação e modulação nas redes digitais**. São Paulo: Hidra, 2019.

PRÁTICAS MORTUÁRIAS E POLÍTICAS DE MEMÓRIA(LIZAÇÃO) EM (RE)CONFIGURAÇÕES DIGITAIS

Gustavo Haiden de Lacerda
(UEM)

Renata Marcelle Lara
(UEM)

Epitáfio de uma pesquisa¹

Como reconstruir, através desses entrecruzamentos,
conjunções e dissociações, o *espaço de memória* de um
corpo sócio-histórico de traços discursivos,
atravessado de divisões heterogêneas, de rupturas e
de contradições?

Michel Pêcheux (1997b, p. 317).

¹ Este texto é um recorte da pesquisa de mestrado realizada por nós no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (PLE-UEM), resultando na dissertação intitulada *Sentidos de morte na escritura(ção) do luto no Facebook*, defendida em 2023. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

Montagem discursiva 1 – Do que se herda e do que se memorializa²



Fontes: *Portal de Archivos Españoles*³ (2021), *Campo Grande News*⁴ (2018), *CNN Brasil*⁵ (2022) e *Facebook*⁶ (2022), respectivamente.

Iniciamos este texto com uma pergunta, retomada de Pêcheux (1997b), e uma montagem discursiva, materializada por textualizações que se relacionam: recortes de testamentos e de memoriais em homenagem aos mortos. Nesses recortes, tomam corpo produções vinculadas a práticas mortuárias e rituais de

² Da esquerda à direita, de cima para baixo: testamento particular de Miguel Mañara (1679), famoso comerciante espanhol, memorial familiar budista conhecido como *Butsudan* (do japonês, “altar budista”) (2018), memorial público para as vítimas de Covid-19 no Brasil (2022), configurações de memorialização/exclusão de perfil no *Facebook* e exemplar de perfil memorializado no *Facebook* (2022).

³ Disponível em: <http://pares.mcu.es/ParesBusquedas20/catalogo/description/6986666>. Acesso em: 29 mai. 2023.

⁴ Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/compostamento-23-08-2011-08/para-guardar-a-memoria-do-mortos-dentro-de-casa-seiki-presta-servico-de-graca>. Acesso em: 29 mai. 2023.

⁵ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/memorial-em-homenagem-as-vitimas-da-covid-19-e-inaugurado-na-avenida-paulista/>. Acesso em: 29 mai. 2023.

⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/>. Acesso em: 29 mai. 2023.

enlutamento, como a escrituração de testamentos e a construção de memoriais em condições de produção temporal e materialmente distintas. De um lado, o que chamaríamos de testamento e memorial configurados em suas formas “tradicionais”, estabilizadas. Do outro, a (re)configuração dessas práticas tal como se discursivizam no digital, no espaço específico *Facebook*.

Dar início a um gesto de leitura por meio do empréstimo de uma questão e da bricolagem de uma montagem discursiva explora a possibilidade de colocar esta análise em um movimento memorial no interior da Análise de Discurso (AD). É uma forma de sinalizar que o que fazemos, nos limites deste texto, não nasce nele: há uma história dos conceitos, dos desdobramentos teóricos, das condições materiais de produção dos discursos que nos antecede. Só há percurso analítico porque a teoria possui historicidade, assim como os materiais que ela toma para analisar são historicamente engendrados.

Uma vez que propomos compreender a historicidade das práticas mortuárias e dos rituais de enlutamento que participam da organização de nossa formação social, a fim de observar sua reatualização no digital, enfatizar a *movência* é um ponto nodal. Acompanhar a configuração/reconfiguração dessas práticas – o que nelas se regulariza e se desloca em face ao acontecimento do digital, o que se repete ao se recolocar e o que é deslocado no mesmo processo – implica direcionar o olhar para a memória discursivamente constituída de tais práticas, para a maneira como essa memória é reproduzida/transformada em condições de produção digitais.

Isso nos conduz (sempre e novamente) a Pêcheux (1997a, p. 77), quando escreve que todo discurso remete a um outro anterior ou possível, pois “o processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discursivo prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima”. Compreendemos que a questão de Pêcheux (1997b, p. 317) é um convite à reconstrução dos *espaços de memória* estruturantes de “um corpo sócio-históricos de traços discursivos” que uma análise discursiva busca interrogar. Ou seja, um meio de analisar o que se marca sob a forma de traços discursivos e

que corporifica o social pela historicidade: um espaço de memória que funciona como uma rede que captura e deixa vaziar. Corpo (social) e espaço (memorial) atravessados, perfurados, divididos, constituídos por heterogeneidade, por ruptura, por contradição. Corpo e espaço que não cessam de ser (re)configurados.

Nas seções que seguem, abordamos o processo de (re)configuração das práticas mortuárias no digital a partir das políticas de memorialização do *Facebook*, as quais prescrevem modos de lidar com o perfil de um usuário após a sua morte. Com Pêcheux (2015b, p. 285, grifo nosso), assumimos que seguir as trilhas da historicidade envolve “[...] juntar e interpretar séries textuais em que se inscrevem discursivamente as figuras da infância, da loucura, *da morte* ou da sexualidade, próprias a esta ou aquela época”. Entre essas séries textuais em que a morte se inscreve como referente discursivo, destacamos dois materiais imbricados para compor as montagens discursivas: as políticas de memorialização do *Facebook* e um exemplar de perfil memorializado da mesma plataforma. Continuar este percurso, mantendo no horizonte a montagem discursiva apresentada, é um modo de praticar a indicação de Pêcheux (1990, p. 60) sobre “explicitar e descrever montagens, arranjos sócio-históricos de constelações de enunciados”.

Autópsia de um testamento

Morrer é um fato social e nossa relação com a morte é marcada por historicidade, pois as formas como interpretamos a morte são históricas. Historicidade que funciona atada às condições de produção do discurso, uma vez que os diferentes modos de materialização não são indiferentes à (re)produção dos sentidos. Enterro ou cremação, vala simples ou mausoléu de família, altar privado ou memorial público configuram diferentes modos de significar e inscrever a morte e os mortos nas relações sociais de significação. São, portanto, práticas e rituais fundamentalmente políticos, entendendo que o político em AD diz respeito à

incessante divisão dos sentidos (Orlandi, 2007), divisão esta que se realiza assimetricamente no seio da luta de classes.

Como a ideologia não é feita de ideias, mas de práticas materiais (Althusser, 1980), e como o discurso é a materialização da ideologia (Pêcheux, 1995), compreendemos que são as distintas *práticas discursivas* (simbólico-históricas) que dão forma material às práticas sociais. No caso das práticas mortuárias, encontramos um conjunto heterogêneo de práticas empíricas (entre elas, destacamos a escrituração de testamentos e a organização de memoriais fúnebres) que responde a comandas de ordem ideológica. Consequentemente, constituem-se como práticas discursivas ritualizadas e que, defende Pêcheux (1995), carregam consigo a abertura à falha, àquilo que necessariamente escapa. De fato, o que se ritualiza (pela repetição) nunca está longe do que desloca o ritual (no mesmo circuito de repetição).

Esses rituais são também repetidos/deslocados pela materialidade digital, que configura outros modos de formular e circular e, portanto, de produzir sentidos para a morte. Segundo Dias (2018), o digital é, discursivamente, mais do que um suporte técnico; ele é parte das condições de produção do discurso. Isso implica que a materialidade discursiva – marcadamente compósita, no caso do digital – se recoloca e, ao ser recolocada, reproduz/transforma as práticas que lhe antecedem e que lhe fundamentam. Entendida como um movimento que se realiza sobre um eixo de contradição (entre reprodução/transformação), a significação existe *em relação* ao que foi dito “antes, em outro lugar e independentemente” (Pêcheux, 1995, p. 162), porque “falamos com palavras que (já) fazem sentido” (Orlandi, 2017, p. 171).

Em seus estudos sobre a história da morte no Ocidente, cada um a seu modo, Ariès (2012) e Vovelle (1997) traçam panoramas de atitudes perante a morte a partir de arquivos históricos materialmente heterogêneos, incluindo obras literárias, documentos oficiais, cartas pessoais, peças arquitetônicas, pinturas, esculturas, artes tumulares, entre outros, com o intuito de mostrar as maneiras de uma sociedade significar materialmente a

morte. Vinculados à história das mentalidades, ambos os historiadores se voltam para aquilo que as representações da morte têm a dizer sobre as mentalidades acerca dela em uma determinada conjuntura (no recorte desses historiadores, o contexto europeu desde o Medievo até a metade do século XX).

No campo da AD, distanciamos-nos do termo *mentalidade*, o qual, segundo Orlandi (2017, p. 232), pode conduzir a uma concepção de ideologia como “ideia” ou “ocultação”. Por nossa filiação teórica, investigamos as práticas (discursivas) mortuárias com base na noção de *materialidade discursiva* como “nível de existência sócio-histórica, que não é nem a língua, nem a literatura, nem mesmo as ‘mentalidades’ de uma época, mas que remete às condições verbais de existência dos objetos (científicos, estéticos, ideológicos...) em uma conjuntura histórica dada” (Pêcheux, 2015a, p. 152). Nossa aproximação com a história das mentalidades, porém, está alicerçada em sugestão do próprio Pêcheux (2015b, p. 284-285), ao escrever que a pesquisa histórica das mentalidades (citando, inclusive, os estudos de Ariès) atua “colocando em causa a transparência da língua” e requer “abandonar as certezas associadas ao enunciado documental”.

Em sua análise da história dos testamentos de herança, Ariès (2012) investiga fontes diversas do fim do período medieval até o início do século XVIII e observa que a história do testamento ocidental conta também a história do processo de individualização do sujeito moderno. Na mesma direção, Vovelle (1997) afirma que a produção de testamentos surge enquanto expressão de uma vontade individual no contexto de assunção da noção de propriedade privada e, logo, desponta como uma prática ligada ao modo de vida burguês, emergente nesse período.

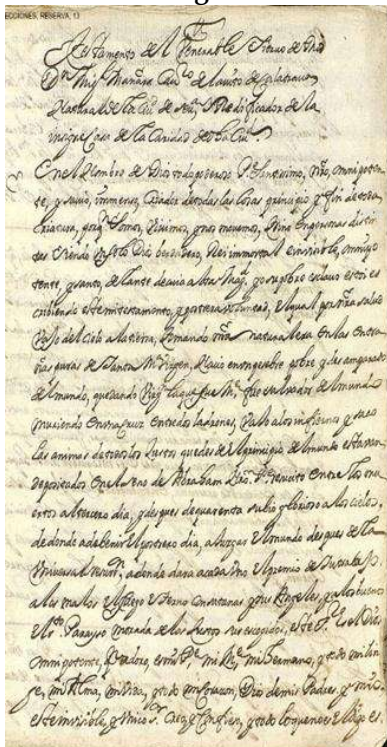
Ariès (2012) prossegue escrevendo que, até meados do século XVIII, o testamento era eminentemente uma prática jurídico-religiosa⁷. Era comum que fossem transmitidas instruções sobre

⁷ Miguel Mañara (1627-1679), um comerciante e político espanhol, inicia seu testamento pessoal (apresentado na montagem discursiva anterior) com a

como o testador gostaria de ser enterrado, as quantias destinadas a atos de caridade e a missas votivas, entre outras recomendações para assegurar o “bom destino” de sua alma. No Brasil oitocentista, escreve Reis (1991), a escrituração de testamentos servia como momento final para um “acerto de contas”, tanto com a figura divina quanto com os credores terrenos. Mas a transformação das formas de assujeitamento – com a passagem da forma-sujeito religiosa para a forma-sujeito de direitos (Haroche, 1992) – lentamente retira do testamento sua função religiosa para concentrar-se nas demandas legais da repartição de bens. O nascimento de um sujeito-de-direito, cujo direito basilar é o de ser proprietário (de si e de seus bens) (Edelman, 1976), realiza a laicização da prática testamental e a equivalência entre o testador e o proprietário, já que somente quem possui bens necessita de um instrumento legal para distribuir suas riquezas.

seguinte invocação: “Em nome de Deus Todo-Poderoso, perante cuja Alta Majestade eu, seu pobre escravo, estou escrevendo este meu testamento e última vontade... Eu, Don Miguel Mañara, cinza e poeira, infeliz pecador [...]”.

Montagem discursiva 2 – Do que se herda, novamente



Fontes: Portal de Arquivos Espanhóis (2021) e Facebook (2022), respectivamente.

Com isso em vista, retornamos à montagem discursiva que nos propomos analisar, especificamente a produção de testamentos e a distribuição de heranças. Encontramos as configurações que determinam o destino de uma conta no *Facebook* após o falecimento do proprietário: ou a exclusão ou a memorialização. Em vida, o usuário dono do perfil pode escolher como deseja que sua conta seja tratada e quem será o “contato herdeiro” que se responsabilizará pela gestão dos bens legados, isto é, do perfil memorializado.

A decisão em prol de legar sua propriedade (intelectual) virtual a um herdeiro remonta à prática secular da produção de testamentos que descrevemos. Nas instruções, são explicados os

direitos e responsabilidades do herdeiro que assumirá a função de executor de bens do usuário falecido. Em consequência, as configurações do *Facebook* são *herdeiras* de uma discursividade que se (re)configura ao ser reatualizada digitalmente. Seu legado faz os sentidos remontarem, pelo movimento inerente ao discurso. O que se destaca, então, é o funcionamento do *interdiscurso*, “o lugar de um ‘trabalho’ de reconfiguração”, em que elementos pré-construídos associam-se por efeitos transversos “na evidência de um novo sentido em que eles são ‘acolhidos’ e fundados (com base em um novo terreno de evidência que os absorve)” (Pêcheux, 1995, p. 278, grifos nossos).

Ao seguirmos os vestígios que residem na textualização, encontramos uma rede de significantes que aponta para a discursividade que está na base das instruções de memorialização: *conta, proprietário, herdeiro, certidão de óbito, representante legal* são indícios que irrompem no fio do discurso e que possibilitam inscrever as configurações do *Facebook* no trajeto de historicidade das práticas testamentais. Com efeito, o que se publica no perfil em uma mídia social é uma *propriedade privada*.

Acerca do funcionamento das tecnologias sobre as formas de lembrança e de esquecimento, Dias (2018) afirma que o digital impõe sua materialidade sobre nossa relação com a memória, estipulando aquilo que (não) devemos lembrar e construindo o imaginário de uma memorialização infalível. No entanto, propõe Orlandi (2007, p. 92), “os sentidos não se imobilizam nessa ilusão; eles não perdem seu caráter errático: deslocamentos, equívocos e mudanças se produzem”.

Embora o efeito de gestão integral da memória dê base para as decisões de exclusão/memorialização no *Facebook*, atua sempre um jogo de força sobre a memória, “[...] que visa manter uma regularização” assim como “uma ‘desregulação’ que vem perturbar a rede dos ‘implícitos’” (Pêcheux, 1999, p. 53). Nesse jogo de (des)regularizações, é precisamente a *repetição* que configura um efeito material assegurador de um “espaço de estabilidade”, ao passo que caracteriza também “uma divisão da identidade material”, de

maneira que “sob o ‘mesmo’ da materialidade da palavra abre-se então o jogo da metáfora, como outra possibilidade de articulação discursiva” (Pêcheux, 1999, p. 53).

Articular as montagens discursivas que realizamos é uma maneira de fazer trabalhar analiticamente a noção de que “[...] toda forma discursiva particular remete necessariamente à série de formas possíveis” e que “essas remissões da superfície de cada discurso às superfícies possíveis que lhe são (em parte) justapostas na operação de análise, constituem justamente os *sintomas pertinentes* do processo de produção dominante que rege o discurso submetido à análise” (Pêcheux, 1997a, p. 105). Para este recorte analítico, em que observamos a (re)configuração de práticas e rituais em torno da morte no espaço do *Facebook*, é basilar que nosso olhar se dirija “sobre os procedimentos de montagem e as construções antes que sobre as significações” (Pêcheux, 1999, 54-55). Conforme Orlandi (2017), em AD, o *como* tem primazia sobre o *quê* um discurso significa.

Em memória...

Do outro (e mesmo) lado das práticas mortuárias está o enlutado, aquele que é afetado por uma morte em instância de perda. Falar de memorialização requer situar aquele que assume para si a função de rememorar, isto é, aquele que experiencia um luto. Se um ente querido é incumbido de assumir a tarefa de *contato herdeiro*, torna-se o administrador do legado, dos espólios virtuais de um perfil memorializado.

Tradicionalmente, memoriais são objetos ou lugares que servem de recordação e/ou celebração dos mortos e de eventos trágicos (Ariès, 2012). Construídos em pedra, metal, concreto, atuam na preservação de lembranças, delimitando o campo do memorável, daquilo/daquele que (não) deve ser rememorado de um modo (e não de outro). Fazem dos mortos objetos “memoráveis” (possíveis de ser lembrados) pelo fato do memorial.

Ao serem (re)configurados *online*, os memoriais participam de outras relações de sentido. Ainda que o efeito da memorialização pelo *Facebook* esteja associado à ideia de preservação e imortalização, como “um local em que amigos e familiares podem se reunir para compartilhar lembranças após o falecimento de uma pessoa” (Facebook, 2022), bastam alguns cliques para que o mesmo perfil seja apagado. Devido às condições materiais de produção dos discursos em rede, explica Pequeno (2019), a digitalização é contraditoriamente permanente e provisória, permanentemente provisória, uma vez que está exposta à edição, ao apagamento, à exclusão e que “essa latência tem efeitos sobre as condições de possibilidade dos sentidos” (Pequeno, 2019, p. 90).

Consequentemente, a plataforma regula a produção de memoriais por meio de suas *políticas de memorialização*, que são também *políticas de memória*, formas de atualização do político (a divisão dos sentidos) no memorável, gerenciando a “memória” (o memorial) entendida como propriedade de um sujeito, mas também propriedade do *Facebook*. Com a crescente atuação de corporações que “regulam a relação com a memória, com o arquivo e com a leitura” (Dias, 2018, p. 69) e realizam um “trabalho de armazenamento da memória tornada dado” (Dias, 2018, p. 70), são engendrados efeitos de memorabilidade próprios ao estado atual (tecnocrata) da formação social capitalista.

Mas não é só propriedade de um sujeito que, após sua morte, a lega para um herdeiro. Uma conta no *Facebook* é também um pedaço do próprio usuário, já que seu *perfil* é sua história, uma produção escriturada e imaginada de si mesmo. Memorializado, o perfil é reconfigurado em perfil-túmulo, ao mesmo tempo o legado e a sepultura, os bens a ser distribuídos e os restos mortais a ser velados. Por meio de outros arranjos memoriais, de outras formas de produzir/consumir o memorial, de outras discursivizações das políticas de memória de nossa formação social, o herdeiro (também um consumidor) torna-se o produtor de um modo de significar o perfil-memorial-túmulo ao inscrevê-lo em seu processo de enlutamento. Por isso, um perfil é tanto administrativa e

ideologicamente organizado, quanto ordinariamente apropriado pelos usuários-consumidores, responsáveis por seguir/desacomodar as políticas de memória(lização).

Montagem discursiva 3 – Do que se memorializa (outra vez)



Em memória de

ando devagar porque já tive pressa...

Adicionar Ver mensagens

Trabalhou como Cozinheiro na empresa

Morou em Cascavel, Parana, Brazil

De Apucarana

Publicação fixada

foi marcado.

está com
8 de jul de 2021

Hoje seria um daqueles dias que eu teria mandado mensagem meia noite, para ser a primeira a dar-lhe os parabéns... Não por acaso, acordei as 2:30h e logo me veio em mente todos os anos em que celebrei seu aniversário. Eu sei que você não vai assistir, mas mesmo assim fiz esta homenagem por sua memória em mim e por nosso amor. Te amo até o infinito e além



135 31 comentários · 2 compartilhamentos

Fontes: *Campo Grande News* (2018), *CNN Brasil* (2022), *Facebook* (2022), respectivamente.

No caso do memorial japonês, notamos a circulação no espaço privado da casa (e a publicação da fotografia *online*, em uma matéria jornalística), voltado à história íntima da família e de seus ancestrais. Nele, é erigido um altar de madeira adornado com detalhes dourados e com oferendas de plantas, frutas e incenso. No mesmo altar, são fixadas as fotos dos falecidos, com ênfase no *close-*

up dos rostos sérios, em trajes formais. Há ainda a escrita de ideogramas grafados manualmente, que registra os nomes dos falecidos – tanto o nome que possuíam em vida quanto o nome que pode ser adotado para tratá-los no pós-morte. Por sua vez, o memorial físico em homenagem às vítimas de Covid-19 no Brasi circula publicamente na rua, mais precisamente na Av. Paulista, em São Paulo. Não só circula de forma pública como é formulado coletivamente, uma vez que o mural em branco – à exceção da placa central, em que lemos “Memorial em homenagem às vítimas da Covid-19” – é preenchido pela escrita dos que participam do evento de rememoração, registrando os nomes de seus entes queridos falecidos em tinta vermelha e narrando excertos da história de seus vínculos, em meio aos muitos corações desenhados à mão. Como no memorial privado, há também ofertas de objetos, como flores e velas, inscritos na rede de memória dos rituais fúnebres.

Já no perfil memorializado no *Facebook*, a instância de circulação é, contraditoriamente, pública e privada, feita pelos e para os familiares e amigos, ao passo que é midiaticizada publicamente. Tal relação equívoca entre o público e o privado constitutiva das práticas digitais, escreve Adorno (2015, p. 57), “desestabiliza os sentidos de público e privado como sendo discretos (não contínuos, separados) e estanques”. Não apenas em termos restritos de circulação, mas novamente no nível da formulação, visto que não somente o herdeiro (embora a função gerenciadora seja sua), mas os circulantes da rede podem publicar homenagens e participar do memorial. Com efeito, afirma Dias (2018, p. 29), é pela circulação que “o digital se formula e se constitui”, ou seja, a materialidade digital “se formula ao circular”.

No *Facebook*, fotografias no memorial também se fazem presentes, seja pelas imagens já postadas em vida pelo proprietário do perfil e que se memorializam junto com ele, seja pelas fotos adicionadas pelos homenageadores. Regularmente, representam momentos descontraídos, projeções de situações felizes entre os que morreram e os que sobrevivem. No recorte que compõe a montagem discursiva anterior, a filha do falecido edita e publica

um vídeo em que compila várias fotografias do pai, sozinho e acompanhado, jovem e adulto, trabalhando e viajando. Registros que ela sabe que seu pai “não vai assistir”, mas que “mesmo assim” deseja compartilhar para homenagear suas memórias e seu amor.

A expressão concessiva (“mesmo assim”) diz, concomitantemente, do diálogo imaginado com uma projeção paterna, com uma imagem residual do pai que ela se esforça para reter, memorializar, assim como do outro conjunto de leitores virtuais que tomam lugar na plateia de seu luto midiaticizado. Em outros termos, ela publica para o pai morto e para os usuários circulantes, aqueles que podem comprovar e validar seu luto publicamente. No mesmo gesto, busca *fixar* uma imagem para o pai, mas também para si (como filha enlutada), efeito de duração que o recurso técnico de “postagem fixada” metaforiza; uma normatização técnica da memorialização, a qual configura um meio imaginário de fixação para a memória que, por seu turno, não para de girar.

As honrarias fúnebres (entrega de flores, velas, incenso etc.) são reatualizadas digitalmente pelos *emojis*, como o coração (no exemplar da montagem discursiva 3), mas também o rosto chorando, a flor despetalada, o coração abraçado, entre muitos outros que compõem a ritualística do luto *online*. *Composição* é um ponto-chave, já que tanto o memorial físico quanto o virtual são compostos de forma materialmente heterogênea. A moldura dourada, o suporte de madeira, o muro de concreto pintado de branco, a tinta vermelha, as velas, as flores etc. são elementos materialmente distintos que compõem os memoriais *offline*, enquanto os memoriais virtuais imbricam o registro verbal e imagético pelo funcionamento técnico (a disposição textual, a presença de fotografias, as ferramentas de curtida, a inserção de *emojis*, entre outros), pela projeção pixelada de luzes coloridas na tela de um aparelho digital.

Por essa montagem discursiva, notamos que uma conta memorializada se distingue de um perfil comum por apresentar o epíteto “em memória de” antes do nome de perfil, os verbos empregados no pretérito (“morou”, “trabalhou”) e a seção para

homenagens deslocada da linha do tempo. Esta última divide o “antes” e o “depois” da morte, situando, de um lado, as publicações produzidas pelo usuário proprietário da conta e, do outro, as postagens dos amigos após sua morte. Outra diferença basilar é a inexistência de proprietário individual para um perfil memorializado. Ele pode ser gerido pelo contato herdeiro, mas este não pode atuar no lugar do proprietário da conta, de maneira que todas as publicações realizadas pelo falecido em vida permanecerão inalteradas em sua *linha do tempo*.

Nas palavras de Dias (2018, p. 162-163), “se olharmos para a linha do tempo do Facebook, temos essa ilusão de totalidade, de organização da vida do sujeito”, a qual, “na montagem da linearização do tempo”, “reúne os fragmentos de uma vida, possibilitando que uma linha seja traçada, possibilitando uma unidade do sujeito” (DIAS, 2018, p. 165). Essa divisão se instala também na reorganização do perfil após a morte do usuário: há um antes e um depois, entre o que o titular da conta produziu enquanto vivia e o que produzirão sobre ele seus amigos e familiares. Deslocadas da *linha do tempo*, as homenagens circunscrevem outro efeito memorial, materializado na passagem do presente para o pretérito (“trabalhou”, “morou”) e na expressão “Em memória de”, que antecede o nome de perfil.

Com a (re)configuração descrita, observamos o efeito de memorial construído pela memorialização no *Facebook*, a partir da discursivização do sujeito em rede. Os fragmentos que o sujeito escritura de si em seu perfil, em um processo imaginário de narratividade, são reorganizados diante do evento de sua morte. Em decorrência do falecimento, as formações imaginárias são redistribuídas, as projeções sobre as postagens são realocadas. Como já não é mais o titular da conta aquele que gerenciará sua própria “memória”, mas um legatário (contato herdeiro) responsável por administrar a conta, o que se institui é um espaço de rememoração no qual os sentidos de morte passam pelo crivo da memória como *propriedade* a ser herdada, protegida e homenageada. Por isso,

cada perfil, então, é potencialmente um memorial, um arquivo desde sempre “assombrado”, feito para ser lembrança/esquecimento de um sujeito quando ele já não mais existir. Como em um espaço cemiterial, os perfis-lápides são signos de uma presença-ausência, traços espectrais que circundam e atemorizam as regras de funcionamento (da rede e do social) (Lacerda, 2023, p. 114).

Materializadas na rede (interdiscursiva) e na rede (*online*), as práticas mortuárias e de enlutamento são reproduzidas/transformadas nos movimentos sinuosos da memória discursiva. Ao incorporar simbolicamente o morto e o enlutado no social, produzem gestos interpretativos para a morte, (re)configurando sentidos ligados tanto às *políticas de memorialização* (do Facebook) quanto às *políticas de memória* atuantes em uma formação social, as quais regem quadros de memorabilidade e realizam divisões entre as vidas e mortes “memoráveis” ou “esquecíveis”.

Memorializar um perfil constitui um gesto material de inscrição do morto e do enlutado no seio das práticas mortuárias. Repetindo e desestruturando tais práticas, ao inseri-las em espaços imprevistos, resíduos dos laços afetivos irrompem no fio (no *feed*) do discurso de uma mídia digital e perturbam a estabilidade da *rede* (de sentidos). Pelo remontar dos restos, dos vestígios materiais, um efeito de memória é assegurado, sem estar apartado do esquecimento que o fundamenta. Com efeito, para não esquecer, é preciso deixar(-se) esquecer, uma vez que uma recordação engendra sempre uma forma de reatualizar a ausência. Um memorial é, então, um ponto de ancoragem para a rememoração, um modo de lembrar (e) de esquecer. Um modo de contar a história de um vínculo ao situar-se no movimento (i)memorial do discurso. Um modo, enfim, de significar no território do já-dito a perda a-dizer.

Restos mortais

Abrimos este texto com uma questão levantada por Pêcheux (1997b, p. 317), tal como um convite a desbravar o terreno do

discurso para analisá-lo em seus movimentos de “entrecruzamentos, conjunções e dissociações” e reconstruir seu espaço (heterogêneo, disruptivo, contraditório) de memória. No mesmo escrito, Pêcheux (1997b, p. 318) formula outro questionamento-provocação:

como conceber o *processo de uma AD* de tal maneira que esse processo seja uma interação “em espiral” combinando entrecruzamentos, reuniões e dissociações de séries textuais (orais/escritas), de construções de questões, de estruturações de redes de memórias e de produções da escrita? (Pêcheux, 1997b, p. 318).

Neste percurso analítico, buscamos construir uma resposta possível a tal questão. Analisar o digital como fato material demandou que os procedimentos de análise ancorassem e materializassem os desdobramentos das redes parafrásticas, as relações interdiscursivas que ressoam nessas condições outras de significar. Demandou ainda um trabalho sobre um “corpo sócio-histórico de traços discursivos” (Pêcheux, 1997b, p. 317), no qual a memória é praticada em sua movência, pela descrição e interpretação das (re)configurações das práticas mortuárias e das políticas de memória(lização) no *Facebook*.

O digital abre um campo de questões aos analistas de discurso, os quais são instados a conceber uma forma de praticar AD “em espiral”, de perscrutar os *entrecruzamentos, rupturas e dissociações* que significam as montagens discursivas que analisamos pela especificidade das condições de produção do digital. Tais especificidades demandam que *questões* próprias sejam construídas, tendo em vista a materialidade que se recoloca e as *redes de memória* nas quais os sentidos e os sujeitos são capturados, mas também as redes pelas quais eles insistem em escapar. Ademais, como um campo aberto não apenas de questões a responder, mas de *questões a formular*, o digital possibilita que a produção da escrita (discursiva) materialize analiticamente o que se apresenta na teoria.

Nesse movimento, compreendemos que a produção de testamentos e de memoriais é (re)configurada no espaço do *Facebook* a partir de recortes memoriais que alicerçam os modos de formular e circular e que atingem a constituição dos sentidos. Segundo teorizamos e analisamos alhures, e continuaremos a investigar em outros trabalhos, a memória discursiva pode ser conceituada como uma *roda-viva* (Lacerda, 2023), a qual não cessa de reproduzir/transformar, repetir/deslocar as redes de sentido. A prática de memorialização no *Facebook* (re)configura as formas (im)possíveis de lidar com os restos mortais em um processo de luto. Precisamente, é com um *resto* que o sujeito enlutado tem de lidar, com o laço que resta de sua relação com o morto. Conforme também conceituamos neste outro trajeto analítico, por meio da noção de *escritura(ção) do luto*, o enlutamento é um processo residual e cicatricial que corta/sutura sentidos possíveis para uma perda significativa (Lacerda, 2023). Mas esses já são apontamentos para outro percurso a ser (re)configurado.

Referências

- ADORNO-OLIVEIRA, Guilherme. **Discursos sobre o eu na composição autoral dos vlogs**. 2015. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.
- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.
- ARIÈS, Phillipe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas: Pontes, 2018.
- EDELMAN, Bernard. **O direito captado pela fotografia: elementos para uma teoria marxista do direito**. Coimbra: Centelha, 1976.
- HAROCHE, Claudine. **Fazer dizer, querer dizer**. São Paulo: Hucitec, 1992.

LACERDA, Gustavo Haiden. **Sentidos de morte na escritura(ção) do luto no Facebook**. 2023. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2023.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. 4. ed. Campinas: Pontes, 2017.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes: 1990.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. *In*: ACHARD, Pierre *et al.* **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a. p. 61-161.

PÊCHEUX, Michel. Análise de Discurso: três épocas. *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997b. p. 311-319.

PÊCHEUX, Michel. Metáfora e interdiscurso. *In*: PÊCHEUX, Michel. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos escolhidos por Eni Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2015a. p. 152-161.

PÊCHEUX, Michel. Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso. *In*: PÊCHEUX, Michel. **Análise de discurso**: Michel Pêcheux. Textos escolhidos por Eni Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2015b. p. 283-294.

PEQUENO, Vitor. **Tecnologia e esquecimento**: uma crítica a representações universais de linguagem. 2019. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VOVELLE, Michel. **Imagens e imaginário na história**: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX. São Paulo: Editora Ática, 1997.

SUJEITO E DIGITAL: um entrelaçamento sobre o tempo na cidade

Dantielli Assumpção Garcia
(UNIOESTE)

Vitória Delpino de Castro
(UNIOESTE)

A título de introdução: um presente presente

Figura 1 – Não mande áudio #vivaaoagora.



Fonte: O que as Ruas Falam, *Instagram*, 2023.

Na contemporaneidade, não se pode mais falar de moradas eternas e permanentes, pois o tempo dos lugares, ou de enraizamento nos lugares, ganha outra dimensão. Nova velocidade, nova apreensão da paisagem urbana, nova estrutura de deslocamento. No desenrolar de nosso século, a emergência das

tecnologias digitais impôs uma nova relação perceptiva da apreensão com o tempo e com os espaços, refletindo no modo como os sujeitos organizam a vida e especializam o tempo no cotidiano da cidade. A dimensão qualitativa do tempo, nessa conjuntura histórica, tende a ser descartada e o reduzimos a um modelo espacial e quantificável. O tempo perde a sua condição de irreversibilidade, que o faria caminhar em uma só direção, estabelecendo uma diferença entre um antes e um depois, um início e um fim.

Para o filósofo Byung-Chul Han, em uma sociedade digitalizada como a nossa, “[...] o tempo se vela, o passado se torna futuro, o futuro se torna passado, e ambos se tornam presente” (Han, 2018, p. 86). As tecnologias digitais, assim, ao aproximarem a distância do tempo, produzem uma fissura no instante de ver e de sentir, fazendo esmorecer a impressão perceptual da duração: não há antes, não há depois, mas há um presente presente. Isso leva à verificação de um sintoma contemporâneo recorrente em nossa sociedade que aponta para uma espécie de estranheza do sujeito frente ao tempo vindouro da tecnologia. “Não mande áudio #vivaogora”, alerta a escritura urbana demonstrada no início de nosso texto.

A partir do referencial teórico da Análise de Discurso de linha francesa em articulação aos estudos de Dias (2015); Han (2018); Lévy (1999) sobre as tecnologias digitais, interessa-nos, a partir da escrita deste texto, refletir de que forma a discursividade sobre o tempo comparece no cotidiano da cidade contemporânea. Tomaremos como material de análise alguns recortes de escrituras urbanas, como o *lambe-lambe*, frases pintadas nos muros da cidade, que estão em circulação no espaço urbano e no espaço da rede. A partir de nossos gestos de análise, buscaremos demonstrar como o tempo em discurso no espaço da cidade de hoje se articula no processo de inscrição de sentidos e sujeitos face à conjuntura histórica marcada pelo funcionamento das tecnologias digitais. Tais escrituras urbanas nos apontam como o sujeito de nosso século intenta dar contorno, no cotidiano da cidade, à ideologia dominante “tecnológica” que lhe atravessa e lhe conduz ao tempo

apressado das redes. Ancoradas na perspectiva teórica dos estudos discursivos, interessa-nos o fato de que pensar

[...] a ideologia do ponto de vista das “relações de reprodução” implica [...] em também considerá-la do ponto-de-vista da resistência à reprodução, ou seja, da perspectiva de uma multiplicidade de resistência e revoltas heterogêneas que se entocam na ideologia dominante, ameaçando-a constantemente (Pêcheux; Gadet, 2014, p. 96).

Pela perspectiva discursiva, a ideologia se produz como efeito da relação do sujeito com a língua e com a história, possibilitando a inscrição da resistência e da “ameaça” frente à irrupção de novos sentidos. Neste texto, cabe-nos questionar, no gesto automatizado do tempo tecnológico, o efeito da falha do tempo, ou melhor, compreender onde o sentido se inscreve quando o tempo falha. De que forma o sujeito faz ranger, na cidade de hoje, o entrelaçamento de um outro tempo?

A discursividade da rede

Do ponto de vista do sujeito contemporâneo, a vida sem tecnologia pode ser no máximo uma projeção. Isso basta para dizermos que não há como pensar a cidade de hoje, seus sujeitos, apartada da discursividade das redes digitais que a constituem no mundo globalizado que vivemos. Em seus estudos acerca das tecnologias digitais, Dias (2015) nos alerta para o modo como a discursividade das redes extrapola a relação que estabelecemos com os objetos simbólicos ditos “eletrônicos”, como celulares, *tablets*, *smartwatches*. Para a autora, é a discursividade que portam tais objetos que nos interpelam no mundo atravessado pelas tecnologias. Dias (2015) afirma que

[...] o digital se materializa na sociedade, discursivamente, como uma das peças importantes do modo de organização da vida em seu conjunto, na formação social capitalista, e do modo de individuação do sujeito pela conectividade [...] da entrada desse sujeito no mundo

“civilizado” ou como aquela que o identifica em sua posição sujeito na sociedade (Dias, 2015, p. 01).

A discursividade do digital, portanto, afeta vários setores da vida contemporânea, e isso independe da relação que estabelecemos com os objetos materiais, mas se relaciona ao modo como nos significamos em uma sociedade tecnológica e somos por ela significados. O oceano tecnológico que deságua em nossos dias, é certo, não nasceu sob um estalar de dedos. As tecnologias digitais possuem um marco de origem, não uma origem histórica e linear, mas um conjunto de fatores que culminaram no momento tecnológico vigente. Seja a partir da invenção da fotografia, do nascimento do gramofone e outras tantas tecnologias de registro analógico, esse processo de inovação tecnológica já se encontrava em curso nos meandros do século XIX. A novidade de nossos dias, por assim dizer, encontra-se na possibilidade de tradução de dados do analógico para o digital, processo esse que se consolidou a partir da emergência de um espaço denominado “ciberespaço”.

Cabos, fios, redes, computadores. O filósofo francês Pierre Lévy, reconhecido por sua extensa e influente produção, em particular no começo dos anos 2000, sobre as características sociais e os aspectos culturais das tecnologias digitais, compreende, em sua obra *Cibercultura*, a emergência do “ciberespaço” como uma espécie de geografia da informação. De início, invisível aos olhos, mas completamente sensível e volátil ao tempo, o ciberespaço, tal como teorizado por Lévy (1999), compreende um espaço de conexão direta que funciona a partir de uma rede *online* e intercomunicativa. Nos termos do autor, trata-se de um oceano:

[...] o ciberespaço (que também chamarei de ‘rede’) é o meio de comunicação que surge na interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (Lévy, 1999, p. 17).

O ciberespaço, essa gigantesca “rede” que interconecta os sujeitos em suas águas oceânicas, faz flutuar uma geografia em que a tecnologia já não divide matéria e espaço, mas, ao propor outra forma de fazer advir a presença, deforma o tempo. Nesse oceano cibernético, reside o digital, apresentando-se, em nossos dias, enquanto uma realidade imposta aos sujeitos. A consolidação do digital como parte constituinte de nossa sociedade contemporânea implica novas maneiras de se pensar as configurações temporais na cidade. O uso de grandes quantidades de dados, a inteligência artificial, a multiplicação de plataformas em todas as áreas da atividade humana, o teletrabalho, o entretenimento *online*. De uma geografia, aparentemente, invisível aos olhos,

Eis o ciberespaço, a população de suas comunidades, a ramificação entrelaçada de suas obras, como se toda a memória dos homens se desdobrasse no instante: um imenso ato de inteligência coletiva sincrônica, convergindo para o presente, clarão silencioso, divergente, explodindo como uma ramificação de neurônios (Lévy, 1999, p. 249-250).

O ciberespaço, em seu sinuoso clarão silencioso, produz o efeito de que a distância e a velocidade já não são mais a mesma. O movimento não é mais indexado de acordo com a métrica do corpo, mas a partir da velocidade da rede. Uma desregulagem que vem criar distâncias e tempos para substituir distâncias e espaços. Na cidade, o ciberespaço produz uma inércia no tempo, uma fenda que se abre para o sujeito, produzindo a ilusão de que todas as coisas convergem para o tempo do imediato. Isso faz vacilar o imaginário do sujeito contemporâneo e o limita em sua relação com o mundo simbólico. Embora afogados no imediatismo cibernético que faz colidir o tempo do tecnológico com a duração temporal para a operabilidade do sujeito urbano, resiste, na cidade, o sujeito, pois, ainda assim, “as pessoas que povoam e nutrem o ciberespaço constituem sua principal riqueza” (Lévy, 1999, p. 240).

Enquadrar a cidade de nossos dias e compreender o processo de constituição do sujeito contemporâneo arrebatado pelo ciberespaço significa compreendermos que o sujeito vive no aqui e no agora de um tempo impreciso. No entanto, como compreende Lévy (1999), trata-se de “um aqui e agora paradoxal, sem lugar nem tempo claramente definíveis” (Lévy, 1999, p. 247). No tempo vindouro do digital, como afirma Han (2018),

[..] encontramos-nos hoje novamente em uma crise, em uma transição crítica, pela qual uma outra revolução, a saber, a revolução digital, parece ser responsável. Mais uma vez, uma formação dos muitos ameaça uma relação de poder e de soberania. A nova massa é o enxame digital (Han, 2018, p. 10-26).

Um ponto central dessa citação gira em torno do que o autor denomina por “enxame digital”. Nesse enxame, o sujeito navega sobre um oceano de *timelines*, redes sociais, *apps*, *smartphones*. A cada dia, o impacto da presença das tecnologias digitais se produz como um verdadeiro enxame ao sujeito, encapsulando-o. De um lado, a evidência das engenhocas do contemporâneo que mudam as percepções sensoriais; de outro lado, as mudanças que ocorreram tão rapidamente, que se torna difícil discernir as consequências do enxame que se reproduz. Diante dos ventos tempestuosos advindos da rede, se resistir ao oceano tecnológica parece, hoje, da ordem do impossível, produzir, em suas águas, um mergulho que não seja tão às cegas parece relevante. De certo modo, é o que o sujeito de nosso tempo intenta (re)produzir nos espaços da cidade.

Figura 2 – A vida real é offline.

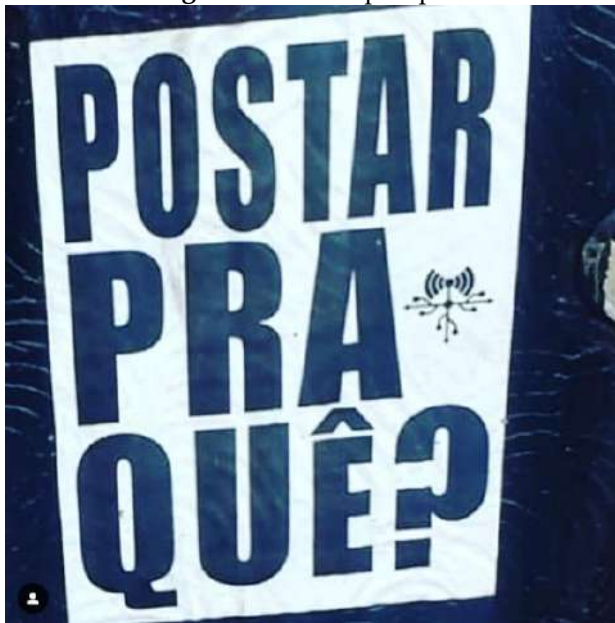


Fonte: Rabisco nas Ruas, *Instagram*, 2023.

A escritura urbana acima, à semelhança de uma palavra profética, comparece no espaço da cidade a marcar com a letra o indizível do enxame digital. Pêcheux (1990) afirma que “[...] o modo de produção capitalista reparte-distribui os agentes humanos em um número de lugares, entre os quais em particular aquele da reconstituição e da manutenção da força de trabalho” (Pêcheux, 1990, p. 217). Como uma das ideologias dominantes de nossa formação social, o digital se estrutura enquanto um desses lugares a serem repartidos-distribuídos aos sujeitos. Nesses termos, o que parece estar funcionando como sustentação do discurso “A vida real é offline” é o sentido de que não há possibilidade para o sujeito viver fora digital hoje, desse lugar que lhe fora distribuído. Temos, na superfície discursiva desse dizer, o não dito de que a vida no “online”, para os que têm acesso à Internet, é uma vida da ordem do impossível de se viver. É nessa tensão, como nos lembra Pêcheux (1990), que a ideologia se instala para o sujeito, designando “o que é e o que deve ser” (Pêcheux, 1990, p. 146). Advém, pela via do interdiscurso, que desse lugar

social “das redes” reservado ao sujeito, uma fissura nos sentidos estabilizados é também possível. É nessa fissura em estado nascente que a ideologia dominante se estilhaça, fazendo ruir o possível da vida no “off”. Se, na contemporaneidade, é preciso estar “on” o tempo todo, pelo movimento da tomada de palavra do sujeito nessa escritura urbana, a vida no “off” emerge como efeito de possibilidade, metaforizando que se ela não opera no nível do realizável, ao menos, funciona no nível do formulável.

Figura 3 – Postar pra quê?



Fonte: O que as Ruas Falam, *Instagram*, 2023.

Poderíamos dizer que o ciberespaço comparece na cidade de hoje como a marcar pistas e interferências. Essas interferências podem ser vislumbradas nas e pelas palavras que, de modo sinuoso, sugerem a discursividade da rede: “offline”, “postar”. De fato, a rede que o digital põe em discurso nos poros da cidade parece significar a conexão sem fim. É como se ela fosse se desdobrando, se ramificando e colocando-se cada vez mais nítida

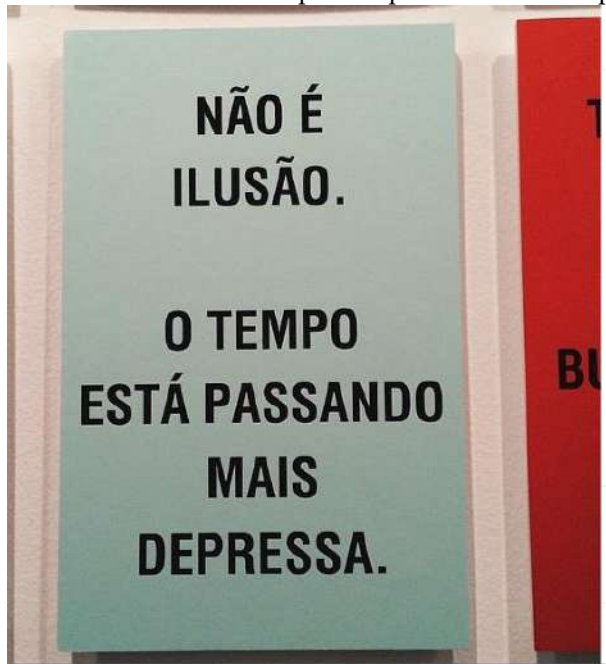
para o sujeito da cidade, usual e habitual, comum, o que nos permite dizer que se ela não é nova, certamente assumiu novas configurações envolvendo as práticas cotidianas na cidade.

Se, para Lévy (1999), o sujeito não se apaga diante do funcionamento da rede, o ciberespaço põe em cena “o fino enredamento dos humanos de todos os horizontes em um único e imenso tecido aberto e interativo” (Lévy, 1999, p. 14), entender o desdobramento da rede no espaço da cidade significa entender como o espaço urbano e o espaço digital emergem para os sujeitos de nosso tempo. Para nós, significa também questionar de que modo, diante dessa condição de produção atual, os sujeitos passam a discursivizar o tempo no cotidiano da cidade. O tempo das redes, embora dominante em nossa formação social, é passível de se estilhaçar quando confrontado no ritual da linguagem¹. Interessanos, assim, a partir de nossos gestos de análise, a seguir, demonstrar de que modo os sujeitos de nosso tempo deixam cair, na cidade de hoje, as fagulhas desses estilhaços tecnológicos vindouros do tempo segmentado e recortado das redes.

¹ Pêcheux (1990) compreende a linguagem como um ritual com falhas. As falhas, ao pertencerem ao mundo do simbólico, são constitutivas da língua. Nos termos do autor, portanto, “[...] não há ritual sem falhas; enfraquecimento e brechas, ‘uma palavra por outra’ é a definição de metáfora, mas é também o ponto em que o ritual se estilhaça no lapso” (Pêcheux, 1990, p. 300-301).

O tempo e(m) seus entrelaçamentos pela cidade

Figura 4 – Não é ilusão. O tempo está passando mais depressa.



Fonte: Rabisco nas Ruas, *Instagram*, 2020.

Chama-nos atenção nessa escritura urbana o significante “ilusão” seguido da negativa enfática “não”. Pela perspectiva discursiva, sabemos que é a partir da ideologia que as evidências se colocam para o sujeito, produzindo-se enquanto a ilusão necessária que lhe conduz às certezas e ao efeito de que “todo mundo sabe o que é” (Pêcheux, 1990, p. 146). Nessa escritura urbana, sobressai o tempo apertado do contemporâneo, um tempo que “passa depressa”, e passa por cima do sujeito, como a romper com a percepção temporal ao instaurar um tempo único. Esse tempo poderia ser breve, longo, curto, eterno, mas o tempo em discurso na escritura é o tempo do aqui e do agora. Ao enunciar esse tempo na cidade, advém a “produção do sujeito como causa de si sob a forma da evidência primeira” (Pêcheux, 1997, p. 295):

“não é ilusão”. É nesse dizer que o sujeito se reconhece. Reconhecimento esse fundado sobre um desconhecimento de um tempo veloz que ele intenta esquecer. Essa cápsula mágica, imediata e fragmentada que se torna o tempo, transporta o sujeito em instantes, aponta um tempo imóvel na cidade, uma temporalidade que subjaz ao sujeito, fazendo ressoar seus breves momentos de existência e pondo em cheque o tempo e sua capacidade de duração.

Figura 5 – Ter tempo para sentir é um privilégio.



Fonte: Olhe os Muros, Facebook, 2019.

Nessa escritura urbana, emerge a discursividade de um tempo que se sobrepõe ao sentir (n)a cidade. Ressoa um tempo fora do tempo, como a marcar o fato de que, em uma conjuntura tecnológica e capitalista como a nossa, “sentir” já não cabe a qualquer sujeito, mas àquele que, de algum modo, têm lá o seu privilégio precioso da atualidade: o tempo. Se antes o sujeito lidava com um tempo que parecia “ao seu alcance”, hoje, com a

possibilidade de uma rede cibernética que o interpela a qualquer hora, em qualquer lugar, independentemente, o sujeito precisa se haver, na cidade, com os diversos agoras que emergem. Renegociar com a mensagem que chega no celular; com a checagem do *e-mail* que precisa de ser feita; com o *feed* da rede social que tende ser visto. Dessa difusa equação temporal, definitivamente, enquanto sobra, já não resta o tempo. À medida que a noção de tempo desaparece, fragmentando-se, a maneira como o sujeito percebe e reage ao que ocorre ao entorno é alterada. Sentir (n)a, diante de tais condições de produção, não nos parece uma rota simples de ser trafegada. Falta-lhe tempo.

Figura 6 – O tempo voa e quando vê já foi.



Fonte: Rabisco nas Ruas, *Instagram*, 2020.

O oceano digital transforma o agora em uma materialidade volúvel, com limites elásticos que se alongam e se contraem. O tempo, nas águas revoltas do oceano tecnológico, vai e vem sem qualquer ordenação. Em uma temporalidade em que tudo parece acontecer ao mesmo tempo, é natural que a forma com que o sujeito

encara o tempo se altere na cidade. A possibilidade de ter uma comunicação instantânea e constante; a disponibilidade de informações de maneira veloz. Da ocupação do espaço à ocupação do tempo, na cidade, o tempo já não passa à revelia do sujeito, torna-se incontrolável: “voa”. Na iminência da velocidade e do movimento, perde-se a noção do entorno, perdem-se as referências e, os sujeitos, despojados de si, não se percebem: “quando vê já foi”. Do movimento constante para a inércia no tempo, o instante de “ver” fica restrito. Quando o sujeito “vê”, já viu; quando ele ousa ir, já “foi”.

Figura 7 – O tempo é sua morada.



Fonte: Olhe os Muros, 2019.

Do latim *tempus*, o tempo pode assumir diversos significados quando remetido aos dicionários. Série ininterrupta e eterna de instantes; medida arbitrária da duração das coisas; época determinada; prazo; demora². Pela perspectiva discursiva, sabemos, importa mais o significante que o signo linguístico propriamente dito, já que o significado e o sentido não estão

² <https://dicionario.priberam.org/tempo>.

colados à palavra. Poderíamos perguntar, ainda assim, considerando a escritura urbana acima elencada, o que significa, afinal, o tempo na cidade de hoje. O que é o tempo? Quanto dura o tempo? Seria possível nele morar? Implacável, o tempo, nessa escritura urbana, comparece como uma discursividade que não cessa. Na cidade, o sujeito intenta bordejá-lo, como na tentativa de capturá-lo em seu instante de, quem sabe, uma possível falha. Como na despedida de alguém que veio nos visitar; na tarde ensolarada de um último dia de viagem; na experiência de um relacionamento que chegou ao fim. O que resta quando o tempo acaba? Nos termos do sujeito dessa escritura urbana, resta habitar o tempo: o tempo é (sua, minha, nossa) morada. Contemporâneo de uma descontinuidade paradoxal, o tempo comparece, nessa escritura urbana, como efeito de muitos outros tempos. Efêmero, mas, ainda assim, habitável, o sujeito mora em sua estranha temporalidade.

A título de fechamento: tempos e tempos

Figura 8 – Tempos e tempos.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2023.

Buscamos demonstrar, neste texto, de que forma a discursividade sobre o tempo comparece no cotidiano da cidade de hoje. Ancoradas no aporte teórico da Análise de Discurso francesa em articulação aos estudos acerca das tecnologias digitais, compreendemos, a partir de nosso exercício de escrita, como os sujeitos contemporâneos, ao produzirem escrituras urbanas na cidade, fizeram emergir um entrelaçamento sobre o tempo no cotidiano urbano. Confrontam-se, nesse entrelaçamento, tempos, quais sejam, o tempo do sujeito e o tempo do tecnológico. Como demonstramos ao longo de nossas análises, o ritual da linguagem é passível de falhas, por isso, outras temporalidades também emergiram e fazem ranger a estrutura que sustenta o tempo imediatista advindo das redes digitais na cidade. A ideologia dominante advinda de um tempo tecnológico, ao ser “ameaçada” pelos sujeitos a partir da inscrição de outros sentidos, se estilhaçou. Uma nova relação do sujeito com o tempo pôde brotar, ressoando, no entorno do espaço urbano, um entrelaçamento entre tempos e tempos.

Em nossa contemporaneidade cibernética, a falha no tempo do tecnológico se instituiu, pois o sujeito confrontou esse tempo nascente da rede ao fazer circular a sua temporalidade. A falha se mostrou o lugar do possível, pois é onde o sujeito produziu o deslocamento na temporalidade dominante da rede, a desregularização, produzindo outros tempos que não aquele imediatista que lhe é dado a pensar a priori.

Referências Bibliográficas

DIAS, Cristiane Pereira. Para uma compreensão discursiva do digital: o sentido de tecnologia. *In*: VII SEAD Seminário de Estudos em Análise do Discurso: A Análise do Discurso e sua história: avanços e perspectivas, 2015, Recife, PE. **Anais eletrônicos** [...] Disponível em: <https://www.discursousead.com.br/simposios-vii-sead>. Acesso em: 27 de setembro de 2023.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Pontes, 1995.

PÊCHEUX, Michel; GADET, Françoise. A língua inatingível. *In*: **Análise de discurso**: Michel Pêcheux. Textos escolhidos por: Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2014, p. 93-105.

HAN, Byung-Chul. **No Enxame**: perspectivas do digital. Tradução: Lucas Machado.

Petrópolis: Vozes, 2018.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

**“A MÃE NÃO TÁ ON NEM OFF”:
produção de sentidos sobre corpos-mulheres,
corpos-femininos na sociedade conectada**

Marcia Ione Surdi
(UNOCHAPECÓ/UNIOESTE)

O objetivo da obra, da qual este texto faz parte, é produzir reflexões em torno do modo como as tecnologias funcionam como elemento constituidor do sujeito *on* na sociedade conectada. Considerar o sujeito *on* na sociedade conectada implica compreender as relações históricas, sociais e ideológicas dos processos de significação que passam por instâncias da vida prática e dos modos de produção da existência dos sujeitos/corpos (Dias, 2019). Corroboramos dizendo que se trata de uma existência mediada, atravessada e afetada pelo digital.

Nessa esteira, tomamos a noção de sujeito como “uma posição entre outras”, efeito do processo discursivo. Orlandi (2004) pontua que esse sujeito que se define como posição, produz-se em diferentes discursos, numa relação com a memória do dizer, ou interdiscurso, definindo-se em função de uma formação discursiva (FD) em relação com as demais. E concebemos o corpo “[...] como dispositivo de visualização, como modo de ver o sujeito, suas circunstâncias, sua historicidade e a cultura que o constitui” (Leandro-Ferreira, 2013, p. 105); o corpo “[...] em sua materialidade significativa enquanto corpo de um sujeito” (Orlandi, 2012, p. 85). Assim como entendemos que o corpo “[...] já vem sendo significado, antes mesmo que não o tenhamos, conscientemente, significado” (Orlandi, 2012, p. 92), pois “[...] o corpo não escapa à determinação histórica, nem à interpelação ideológica do sujeito” (Orlandi, 2012, p. 95).

Neste texto, amparadas teoricamente na Análise de Discurso materialista, pretendemos analisar processos de produção de sentidos sobre corpos-mulheres, corpos-femininos, e como discursos sobre esses sujeitos/corpos passam a circular e produzir sentidos na/para-sobre a sociedade em rede no ciberespaço, tendo em vista que “A articulação entre linguagem e tecnologia tem efeitos profundos na relação do sujeito com os sentidos, portanto, na relação do sujeito com as formas de textualização do discurso” (Dias, 2020, p. 109).

Assim que lemos o objetivo proposto para a obra, o significante “*on*” orientou a pesquisa e seleção de materialidades a serem analisadas, pois “[...] a construção do corpus e a análise estão intimamente ligadas: decidir o que faz parte do corpus já é decidir acerca de propriedades discursivas” (Orlandi, 2009, p.63).

Para a construção do corpus, realizamos uma busca na plataforma *Google*, na opção *Imagens*, em 22/12/2023, utilizando a formulação “meme a mãe tá *on*”. Compreendemos formulação como “[...] aquilo que impõe marcas da condição de produção do texto (memória e situação) e do sujeito enquanto posição no discurso” (Dias, 2020, p. 114). Gostaríamos de sinalizar que na pesquisa realizada utilizamos como parâmetro de busca a formulação “meme a mãe tá *on*”, mas o que predominou nos resultados foram memes compostos pela formulação “a mãe não tá *on* nem *off*”, com algumas variações.

Diante dos resultados, o critério de seleção dos quatro memes a serem analisados foi o da popularidade da circulação e o de que cada um deles traz em sua formulação (Dias, 2019), além de considerar que

A importância do estudo do modo de funcionamento da forma material dos memes nos dá pistas para compreendermos o discurso digital em um modo de textualização específico que, cada vez mais, coloca os sujeitos na relação com os sentidos no mundo contemporâneo (Dias, 2019, p. 67).

Em nosso olhar leitor, objetivamos nos pautar no movimento pendular (Petri, 2013), vai-e-vem contínuo, balizando análise e teoria em nosso gesto de leitura de funcionamento dos processos de produção de sentido. Mobilizamos noções que sustentarão teoricamente o movimento analítico e nos ajudarão a construir o dispositivo teórico, ao mesmo tempo em que guiam nosso olhar analítico (Pêcheux, 2006) no gesto de leitura de compreensão do processo de funcionamento do discurso, em relação à sua exterioridade constitutiva.

A partir dos resultados, selecionamos e organizamos os quatro memes em ordem cronológica, na tentativa de recuperar as condições de produção e compreender possíveis efeitos de sentido:

Figura 1: “a mãe não tá *on* e nem *off*” (01/09/2020)



Fonte: Facebook¹

Figura 2: “mãe não tá *on* nem *off*” (11/09/2020)

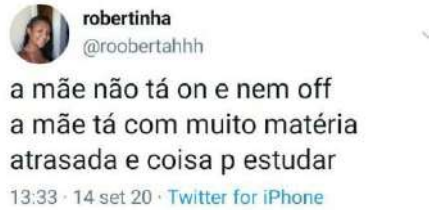


Fonte: Facebook²

¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/paginalixo1/photos/a.298559674097786/1423895081564234/?type=3>. Acesso em: 22 dez. 2023.

² Disponível em: <https://www.facebook.com/paginalixo1/posts/d41d8cd9/1437469910206751/>. Acesso em: 22 dez. 2023.

Figura 3: “a mãe não tá *on* e nem *off*” (14/09/2020)



Fonte: Pinterest³

Figura 4: “a mãe não tá nem *on* e nem *off*” (29/09/2020)



Fonte: Facebook⁴

As materialidades selecionadas (figuras 1 a 4) são memes que foram publicados em diferentes redes sociais em 2020. Estamos considerando essas materialidades como memes, a partir do que desenvolve Dias (2019) sobre as “palavras-meme”. A autora explica que as palavras-meme são termos ou expressões empregados em interações online, como em plataformas como WhatsApp, Facebook, Instagram e Twitter, mas também podem ser utilizadas em conversas *offline* que se referem a um meme, como, por exemplo, a expressão “a mãe não tá *on* nem *off*”.

Mas de que sujeito-mãe nem *on/off* estamos falando? O que significa *estar/não estar on* ou *estar/não estar off*? Que sujeito-mãe nem *on/off* é esse que está falando?

³ Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/638807528389900902/>. Acesso em: 22 dez. 2023.

⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/oficial1967/photos/a.5913677151557772/613174222710458/?type=3>. Acesso em: 22 dez. 2023.

Na tentativa de responder essas perguntas, percorremos muitos caminhos pelo ciberespaço, fomos juntando pistas, tendo em vista que:

Na perspectiva discursiva materialista, os procedimentos analíticos sempre enfatizam o que nomeamos como ‘relação a’, ou seja, sempre remetemos um elemento a outros, buscando no exercício parafrástico contrapontos que nos permitam compreender a produção dos sentidos na evidência que resulta do trabalho da ideologia. (Lagazzi, 2011, p. 502).

Nesse percurso pelo ciberespaço, observando o que está em “relação a”, chegamos ao entendimento de que a formulação “a mãe tá *on*” está em relação ao bordão “o pai tá *on*” viralizado pelo jogador de futebol Neymar, durante a *Champions League* de 2020, o campeonato de clubes europeus da União das Federações Europeias de Futebol (UEFA)⁵.

Sobre a formulação “a mãe tá *off*”, também arriscamo-nos dizer que seu funcionamento se instaura tomando como referência o bordão “o pai tá *off*”. As pesquisas realizadas indicam que após o Paris Saint-Germain (PSG), time de futebol no qual Neymar jogava à época, perder para o Bayern de Munique a Liga dos Campeões, em 23/8/2020, a *hashtag* #*opaitaoff* chegou ao topo dos assuntos mais comentados no Twitter. A formulação faz alusão ao

⁵ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2020/09/4873356-dj-barbara-labres-lanca-a-mae-ta-on-em-referencia-ao-jogador-neymar.html>. Acesso em: 24 dez. 2023.

Disponível em: <https://revista.cifras.com.br/noticia/barbara-labres-a-mae-ta-on-neymar>. Acesso em: 24 dez. 2023.

Disponível em: <https://www.ihmiga.com/post/barbara-labres-lanca-single-com-bordao-de-neymar-a-mae-ta-on-ouca>. Acesso em: 24 dez. 2023.

Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/musica/no-embalo-do-hit-com-neymar-barbara-labres-lanca-single-a-mae-ta-on,5f0788188fac243365f25e1f70b5a6e1oyflduzy.html>. Acesso em: 24 dez. 2023.

bordão "o pai tá *on*" usado por Neymar, atacante do PSG, para comemorar nos jogos⁶.

Nessa rede de sentidos, a formulação "a mãe não tá *on* nem *off*" emerge num entremeio para significar que não está *on* e não está *off*, mas que está *triste, cansada, exausta, insuficiente, com muita matéria atrasada...* Das pesquisas que realizamos na plataforma *Google*, a primeira aparição dessa formulação na página de buscas é datada de 13/09/2020:

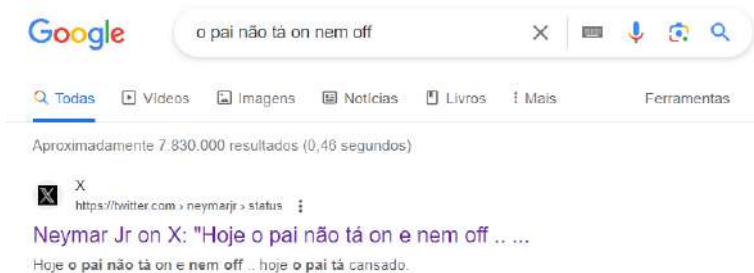
Figura 5: "mãe não tá *on* nem *off*"



Fonte: *Google* (2023).

Em relação à formulação "o pai não tá *on* nem *off*", das pesquisas que realizamos na plataforma *Google*, a primeira aparição na página de buscas é um tuíte do jogador Neymar, de 23/09/2020:

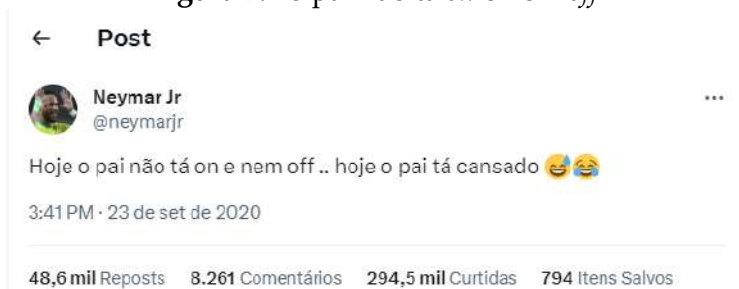
Figura 6: "o pai não tá *on* e nem *off*"



Fonte: *Google* (2023).

⁶ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/mundo/2020/08/4870529--o-pai-ta-off--internet-ironiza-bordao-de--neymar-apos-psg-perder-campeonato.html>. Acesso em: 24 dez. 2023. Disponível em: <https://jovempn.com.br/esportes/futebol/futebol-internacional/neymar-e-zoadado-pela-web-apos-vice-do-psg-na-liga-dos-campeoes.html>. Acesso em: 24 dez. 2023.

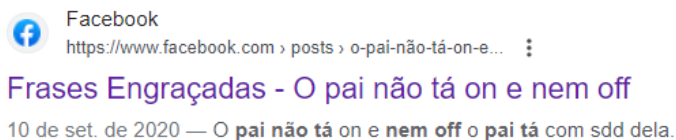
Figura 7: “o pai não tá on e nem off”



Fonte: Twitter⁷

Na sequência, há uma postagem no Facebook com data de 10/09/2020:

Figura 8: “O pai não tá on e nem off”



Fonte: Google (2023).

Gostaríamos de ressaltar que esse mapeamento é breve e lacunar e sujeito a resultados diferentes se realizado por outros sujeitos em outras máquinas. Isso tem relação com as

[...] formas históricas de assujeitamento, na sociedade digital, o sujeito de dados, centrado no princípio tecnológico da sociedade digital, na qual o sujeito (e o sentido) se constitui, em seu cotidiano, por uma capitalização constante dos dados. Dados que ele fornece ao utilizar dispositivos e sistemas digitais universalizantes. Individualização feita por um Estado econômico-tecnológico, ligado à memória metálica (Orlandi, 2018, p. 16).

⁷ Disponível em: <https://twitter.com/neymarjr/status/1308838883795374080>. Acesso em: 23 dez. 2023.

Nesse viés, podemos dizer que a leitura algorítmica afeta o que se tem como resultado de busca no digital e nos faz pensar sobre o modo de constituição do sujeito *on* na sociedade conectada, na contemporaneidade, bem como que “[...] é pela circulação (compartilhamento, viralização, comentários, postagens, hashtags, memes, links...) que o digital se formula e se constitui” (Dias, 2018, p. 29). E, nessa esteira, “Os memes, enquanto objetos que interpelam o sujeito determinado historicamente à uma interpretação, constroem-se na quantidade, na abundância, no transbordamento, tendo nesse fator constituição e estruturação” (Silva, 2017, p. 18).

Pensando em termos do efeito regular que perpassa os memes (figuras 1 a 4), temos textualidades seriadas, em que “um elemento que se repete formando série e, por outro lado, um elemento que muda, varia, sustentando a possibilidade de expansão da série, a abertura do simbólico” (Dias, 2019, p.57).

Considerando o que explica Dias (2019), bem como análises empreendidas pela autora, compreendemos que cada meme tem um elemento diferente que se estrutura no jogo da repetição e da variação conjuntural e que sustenta a possibilidade de formulação. O que é recorrente no interior da série é a estrutura da sintaxe que abre margem à leitura do texto em sua variedade. Temos uma formulação estruturada por uma frase negativa, seguida de uma frase afirmativa (“a mãe tá”) que se desenvolve pela enumeração de expressões que ao formarem uma família parafrástica caracterizam os sujeitos “que não estão *on* nem *off*”, inscrevendo-os em uma FD específica. Estamos tratando da noção de FD correspondendo a um domínio do saber, que é constituído por enunciados discursivos que representam um modo de relacionar-se com a ideologia vigente, resultando o que pode e deve ser dito por um sujeito, conforme Pêcheux (1995).

Compreendemos que a formulação estruturada pela frase negativa “a mãe não tá *on* nem *off*” funciona pela definição de valor pela negatividade. De acordo com Lagazzi (2011, p. 502),

Valer por “aquilo que os outros não são” nos obriga, necessariamente, a desfocar do interior de um elemento para olhar para o conjunto dos elementos em suas diferenças. Uma característica só importa na diferença com outras! É uma maneira efficientíssima de nos obrigarmos a nos desprezar do conteúdo e colocar em movimento o caráter relacional em um conjunto aberto.

Nesse sentido, as desfocar do interior de um elemento para olhar para o conjunto dos elementos em suas diferenças, temos sujeitos, corpos-mulheres, corpos-femininos, que “não estão *on* nem *off*”, assim, estão *tristes, cansados, exaustos, sentindo-se insuficientes, com muita matéria atrasada...* O “não” irrompe no intradiscursivo do sujeito, produzindo efeito de indignação e assumindo força de denúncia (Lagazzi-Rodrigues, 1999). Nas palavras de Indursky (2007), o sujeito apresenta-se dividido em relação a ele mesmo e essa divisão do sujeito se materializa nas tomadas de posição frente aos saberes que estão inscritos na formação discursiva que o afeta. Pêcheux e Fuchs (1997) explicam que toda FD deriva de condições de produção específicas e estas estão na formação ideológica. É nessa direção que a formação discursiva é um lugar de coerção e refração dos sentidos, porque há um conjunto de interesses contraditórios que se articulam no interior dela mesma e nas relações de interligação com outras formações discursivas.

Isso nos faz insistir em uma das perguntas que perseguimos neste texto: mas de que sujeito-mãe nem *on/off* estamos falando?

Da perspectiva teórica da Análise de Discurso, para constituir-se como sujeito do seu dizer, o sujeito submete-se à língua e faz uma tomada de posição em que marca identificação, contrariedade ou recusa a diferentes saberes. Ao discutir os desdobramentos entre sujeito da enunciação e sujeito universal, Pêcheux (1995) afirma que é possível constatar que esse desdobramento pode assumir diferentes modalidades: identificação plena, contraidentificação e desidentificação. Assim, o sujeito-mãe, corpo-mulher, corpo-feminino, questiona saberes pertencentes à FD em que ele se

inscreve. Indursky (2007) afirma que esta tensão entre a plena identificação com os saberes da FD e a contraidentificação com os mesmos saberes ocorre no interior da FD, o sujeito do discurso questiona saberes pertencentes à FD em que ele se inscreve e não se tendo mais uma identificação plena, abre-se espaço para uma superposição, incompleta, que permite a instauração da diferença e da dúvida que são responsáveis pela contradição no âmbito dos saberes da FD, “Ou seja: esta segunda modalidade traz para o interior da FD o discurso-outro, a alteridade, e isto resulta em uma FD heterogênea” (Indursky, 2007, p.168). E, no caso dos memes em análise (figuras 1 a 4), estamos considerando de “um sujeito que se constitui no confronto dos saberes, na contradição dos acontecimentos, no caso, o acontecimento das novas tecnologias digitais” (Dias; Couto, 2011, p. 632).

Mas que mãe é essa que pode *estar/não estar on* ou *estar/não estar off*? Se considerarmos as acepções dicionarizadas para mãe, vamos encontrar que mãe é:

1. Mulher que tem ou teve filho ou filhos.
2. Mulher que cria e educa criança ou adolescente que não foi gerado por ela, mas com quem estabelece laços maternos e a quem pode estar ligada por vínculos jurídicos (ex.: *a mãe dele era solteira quando o adotou*)⁸.

[...]

4. [Figurado] Mulher carinhosa ou protetora. (Dicionário Priberam)

- 1 Mulher que deu à luz um ou mais filhos e os cria ou criou.

[...]

- 3 POR EXT Pessoa generosa e bondosa que dispensa cuidados maternos, que protege muito aos outros⁹. (Dicionário Michaelis)

⁸ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/m%C3%A3e#:~:text=no%20feminino,ou%20teve%20filho%20ou%20filhos>. Acesso em: 28 dez. 2023.

⁹ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/mae>. Acesso em: 28 dez. 2023.

1. Mulher que deu à luz e/ou que cria ou criou filho(s). (Dicionário Aulete)

Ao considerarmos o parâmetro de busca utilizado para construir o corpus (“meme a mãe tá on”), realizamos nova pesquisa na plataforma *Google*, na opção Todas, em 28/12/2023, utilizando a formulação “a mãe tá on”. A plataforma nos apresentou como primeiro resultado o Dicionário inFormal¹⁰.

Em consulta ao Dicionário inFormal, encontramos três entradas:

1. Mãe tá on

[Significado de Mãe tá on](#) Por [Única \(SP\)](#) em 23-09-2020

Quando a mulher tá solteira e quer curtição mesma coisa que a **mãe tá online** chama no WhatsApp pra marcar um esquema
Chama no whats que a mãe tá on (Dicionário inFormal)

2. Mãe tá on

[Significado de Mãe tá on](#) Por [Babi \(ES\)](#) em 01-01-2021

A expressão "A **mãe tá on**" vem de "a mãe está online" e costuma ser empregada como sinônimo de "estou na área" ou "estou pronto para o que vier"

A mãe tá on nesse ano novo! (Dicionário inFormal)

3. Mãe tá on

[Significado de Mãe tá on](#) Por [Dicionário inFormal \(SP\)](#) em 29-07-2021

Expressão popular para referir que a Mulher está na ativa. Podendo estar solteira, ou com disponibilidade para realizar alguma tarefa!

Amanhã, quero me divertir e ficar bonita, pois a Mãe ta on! (Dicionário inFormal)

¹⁰ O dicionário de português gratuito para internet, onde as palavras são definidas pelos usuários. Uma iniciativa de documentar on-line a evolução do português. Não deixe as palavras passarem em branco, participe definindo o seu português! Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/>. Acesso em 22 dez. 2023.

Diante da curiosidade ou da inquietação que nos move como analistas de discurso, pesquisamos no Dicionário a formulação “a mãe tá *off*”. Os resultados foram estes:

1. A mãe tá *off*

Significado de A mãe tá *off* Por [Dicionário inFormal \(SP\)](#) em 13-10-2020

Expressão que significa que a menina não está disponível, não está solteira ou não está animada para fazer alguma coisa.

*Não vou na festa. Hoje a mãe tá *off*.* (Dicionário inFormal)

2. A mãe tá *off*

Significado de A mãe tá *off* Por [Dicionário inFormal \(SP\)](#) em 18-01-2021

É uma expressão que pode significar:

1 - Que a mulher não está solteira, está compromissada com alguém.

2 - Que a mulher não está disponível para sair ou fazer alguma coisa; não quer sair ou fazer outra coisa; está indisponível.

*A mãe tá *off* hoje, não vou sair de casa.* (Dicionário inFormal)

Considerando algumas possíveis definições apresentadas pelos dicionários formais, pelo Dicionário inFormal (dicionário em que as palavras são definidas pelos usuários, que em nossa leitura são sujeitos *on*) e os memes que constituem o corpus (figura 1 a 4), compreendemos que há diferentes direções de sentido para o significante mãe.

Quando o significante mãe é tomado na literalidade linguístico-estrutural oficialmente dicionarizada, mãe é uma mulher que tem pelo menos um filho e o cria, que foi gerado por ela ou não, bem como, pode ser uma pessoa generosa, carinhosa, bondosa e protetora. Empiricamente temos o que é mãe.

Se olharmos para o significante mãe considerando as acepções do Dicionário inFormal e os memes, os sentidos outros em torno desse significante entram em embate. Queremos dizer que os sentidos de mãe não estão atrelados exclusivamente ao discurso da

maternidade, porque a “mãe que não tá *on* nem *off*” não é necessariamente aquele sujeito empiricamente definido pelos dicionários formais.

Então, que sujeito-mãe nem *on/off* é esse que está falando?

Em nossa leitura, da formulação “mãe que não tá *on* nem *off*” emergem diferentes sentidos, por exemplo, como mãe, aquela que tem filho ou o cria; como mulher, ou seja, “toda pessoa que se considera como tal, incluindo aí apenas dos adjetivos que bem entender” (Jerusalinsky, 2022, p. 81); e como equivalente ao pronome “eu”.

Para tratar dessa relação de mãe como equivalente ao pronome “eu”, tomamos como referência uma acepção sobre “papai” que consta no Dicionário Aulete¹¹:

O papai (aqui)

1 Pop. Us. como pronome de tratamento para a 1ª pess. do singular; equivale a *eu*: *Pode deixar com o papai aqui.* (Dicionário Aulete)

O significado apresentado no Dicionário Aulete não comparece nos verbetes “pai” ou “mãe” em outros dicionários formais consultados e não consta no Dicionário inFormal. Em nossa leitura, há um deslize de sentido, uma palavra é tomada por outra, no caso, “papai” desliza para “eu”. E também há um possível efeito metafórico que desliza de “papai” para “mãe”, no caso do sujeito-mãe nem *on/off* e “Isso significa dizer que não se passa necessariamente de uma sequência discursiva a outra apenas por uma substituição, mas que as duas sequências estão, em geral, ligadas uma à outra por uma série de efeitos metafóricos” (Pêcheux, 1997, p. 99).

Ao dizer “a mãe não tá *on*” (não está disponível) e “nem *off*” (não está indisponível), um possível efeito de sentido é de que o sujeito-mãe, corpo-mulher, corpo-feminino, não está em nenhum desses estados convencionais de presença ou ausência. Em vez

¹¹ Disponível em: <https://www.aulete.com.br/papai>. Acesso em: 24 dez. 2023.

disso, a ênfase recai sobre o estado emocional ou físico do sujeito-mãe, corpo-mulher, corpo-feminino que está *triste, cansado, exausto, sentindo-se insuficiente, com muita matéria atrasada...*

Em relação aos significantes *on* e *off*, são termos que geralmente são associados à presença/disponibilidade ou ausência/indisponibilidade em ambientes *online*, mas, nesse contexto, estão sendo utilizados para indicar o *status* do sujeito-mãe, corpo-mulher, corpo-feminino, de maneira ampla, além do ciberespaço. Nesse viés, Cavalheiro (2010, p. 86) explica que

[...] a lógica do *online* que começa a atingir o *offline*, criando movimentos fluidos na fronteira entre os dois planos e gerando um entremeio, pelo uso contínuo de agentes intermediários de comunicação como (re/a)presentantes de Si para os Outros.

Entendemos que há um deslize do *on* e do *off*, um efeito de deslocamento, tendo em vista que esses termos não são mais só utilizados para falar de estar conectado ou não, mas funcionam para outros usos, mesmo fora da internet.

Conforme já dissemos, a formulação “a mãe não tá *on* nem *off*” emerge num entremeio para significar que não está *on* e não estão *off*, mas que está *triste, cansada, exausta, sentindo-se insuficiente, com muita matéria atrasada...* Assim, compreendemos que “[...] há memórias em funcionamento, atravessando, sustentando, reverberando, ressignificando os dizeres no digital” (Castro, 2023, p. 186). Arriscamo-nos em dizer que por meio dessa formulação o sujeito se mostra e se esconde, nos termos de Orlandi (2001, p. 09), “[...] é na formulação que a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (e se esconde)”. O sujeito que fala de si em terceira pessoa, é um sujeito-mãe, corpo-mulher, corpo-feminino, que para falar o que está sentindo se apropria de um bordão, negatizando-o, e enuncia em terceira pessoa, por não ser possível na FD de mãe enunciar em primeira pessoa e assumir-se *triste, cansada, exausta, sentindo-se insuficiente, com muita matéria atrasada...*

De acordo com Coelho (2014, p. 19-20), [...] a utilização de um determinado meme para uma situação específica cria um posicionamento político frente à rede, uma leitura possível de um elemento produzido em série. Os sentidos, através da replicação, se espalham e transbordam, e é através deste gesto que o meme se altera, e se ressignifica. E ao ressignificar, cria novos gestos de leitura, novas interpretações, que por sua vez geram outras ressignificações.

Em nossa leitura, os memes analisados representam o corpo-mulher, corpo-feminino, que é um corpo *cansado, exausto, triste...*, que se apropria de um bordão viralizado no discurso digital, que ousa e se revolta porque desloca a afirmação masculina do *on* para o nem *on* nem *off* da realidade feminina, nos termos de Foucault (1977, p. 143), “No falar de si, há um corpo e este corpo é linguagem, é palavra, é discurso”. Para os corpos-mulheres, corpos-femininos estar nem *on* nem *off* não significa não estar bem após um resultado negativo em uma partida de futebol. Não estar nem *on* nem *off* é estar num lugar de entremeio, “[...] um lugar que não é um ou outro, lugar que nos desacomoda, perturba nossas certezas e propõe a abertura para outras interpretações. (Surdi, 2017, p. 173-174). É um lugar do/no qual emergem efeitos de indignação, assumindo força de denúncia (Lagazzi-Rodrigues, 1999). Assim, em tempos de sociedade em rede no ciberespaço, os sujeitos, corpos-mulheres, corpos-femininos, circulam e produzem sentidos, ousam se revoltar (Pêcheux, 1995) e dizer que não estão nem *on* nem *off*.

Referências

CASTRO, Lucimara Cristina de. A viralização discursiva no Twitter: sentidos em funcionamento sobre a reforma do ensino médio. In: CARREON, Renata de Oliveira; RUIZ, Marco Antonio Almeida; ARAUJO, Lígia Mara Boin Menossi de (Org.). **Análise do**

discurso digital: perspectivas teóricas e metodológicas. Araraquara, SP: Letraria, 2023. p. 184-197.

CAVALHEIRO, Gustavo Augusto Tavares. **A sociedade do avatar:** do eu heteronímico ao cibercultural. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

COELHO, André Luis Portes Ferreira. **“Brace yourselves, memes are coming”:** formação e divulgação de uma cultura de resistência através de imagens da internet. 2014. 85 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas. Campinas/SP, 2014.

DIAS, Cristiane; COUTO, Olivia Ferreira do. As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 11, n. 3, p. 631-648, set./dez. 2011.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital:** sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes, 2018.

DIAS, Cristiane. Textualidades seriadas: entre a repetição, a regularização e o deslocamento, o caso dos memes. **RASAL Lingüística**, Buenos Aires, Argentina, n. 2, p. 55–74, 2019.

DIAS, Cristiane. Considerações sobre o texto pelo digital. In: PFEIFFER, Claudia; DIAS, Juciele Pereira; NOGUEIRA, Luciana (org.). **Língua, Ensino, Tecnologia**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p.109-130.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 4.ed. Tradução de A. F. Cascais e J. B. Miranda. Vega: Passagens, 1977.

INDURSKY, Freda. Formação Discursiva: esta noção ainda merece que lutemos por ela? In: FERREIRA, Maria Cristina Leandro.; INDURSKY, Freda. (Org.). **Análise do discurso no Brasil:** mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 163-172.

JERUSALINSKY, Marina. **Adjetivo feminino:** dicionário de experiências. São Paulo: Bebel Books, 2022.

LAGAZZI, Suzy. A equivocidade na circulação do conhecimento científico. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 11, n. 3, p. 497-514, set./dez. 2011.

LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. A negação no discurso político-eleitoral: impossibilidade e inaceitabilidade. *In*: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.) **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Coleção Ensaios, v.12, Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999, p. 173-186.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. O corpo enquanto objeto discursivo. *In*: DIAS, Cristiane; PETRI, Verli. (Org.). **Análise de discurso em perspectiva: teoria, método e análise**. Santa Maria, RS: Editora da UFSM, 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos**. Campinas: Pontes Editores, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Processos de significação, corpo e sujeito. *In*: ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia**. Campinas: Pontes, 2012, p. 83-96.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Prefácio. *In*: DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas: Pontes, 2018.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: FUCAMP - Fundação de Desenvolvimento da UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. (1975). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Pêcheux**. Campinas: UNICAMP, 1997. p. 163-235.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do discurso (AAD-69). *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.). **Por uma análise**

automática do discurso: uma introdução à obra de Pêcheux. Campinas: UNICAMP, 1997. p. 61-105.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

PETRI, Verli. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de Discurso. *In:* PETRI, Verli; DIAS, Cristiane (Orgs.). **Análise de Discurso em perspectiva:** teoria, método e análise. Santa Maria: UFSM, 2013. p. 39-48.

SILVA, Cleyton Carlos Torres Ferreira da. **O discurso mêmico na construção de novas linguagens sobre divulgação científica através de mídias sociais.** 99 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas. Campinas/SP, 2017.

SURDI, Marcia Ione. **A produção do saber sobre a língua nas gramáticas de Rocha Lima:** o não lugar da significação. 2017. Tese (Doutorado em Letras). Programa de pós-graduação em Letras. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, 2017.

Nota sobre as autoras e os autores

Dantielli Assumpção Garcia

Graduada em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e doutora em Estudos Linguísticos pela mesma universidade. Pós-Doutora pela Universidade de São Paulo e pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Docente dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Gustavo Haiden de Lacerda

Doutorando em Comunicação na McGill University, Montreal. É mestre e licenciado em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). No entremeio dos estudos discursivos materialistas e da psicanálise freudo-lacanianana, sua pesquisa volta-se para práticas artísticas e midiáticas com o objetivo de compreender temas e conceitos como luto, morte, memória, digitalização e afeto.

Luciana Salazar Salgado

Professora dos Programas de Pós-graduação em Linguística e em Estudos de Literatura na UFSCar, atua também no programa multidisciplinar Culturas e Identidades Brasileiras do IEB/USP. É assessora do Observatório da Literatura Digital Brasileira sediado na UFSCar, membro do Centro de Pesquisa FEStA do IEL/Unicamp e colíder do Grupo de Pesquisa Comunica – inscrições linguísticas na comunicação (UFSCar/CEFET-MG, CNPq), estuda processos editoriais, dispositivos comunicacionais, hiperdigitalização e autoria.

Lucília Maria Abrahão e Sousa

Graduada em Letras. Doutora em Psicologia pela FFCLRP/USP. Livre-docente pela mesma instituição. Coordenadora do Grupo de Pesquisa “Discurso e memória: movimentos do sujeito”, cadastrado junto ao Diretório de Grupos do CNPQ. Bolsista de produtividade do CNPQ. Membro do Fórum do Campo Lacaniano/ SP.

Marcia Ione Surdi

licenciada em Letras Português/Inglês e Letras Português/Espanhol pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Possui mestrado e doutorado em Letras – Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria. Realizou pesquisa de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras da Unioeste/Cascavel (apoio CNPQ/Fundação Araucária), sob a supervisão da Prof^a Dr^a Dantielli Assumpção Garcia. Atualmente, é docente na Universidade Comunitária da Região de Chapecó.

Renata Marcelle Lara

Professora Associada da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Atua no Programa de Pós-Graduação em Letras e na Graduação em Artes Visuais. Doutora em Linguística (UNICAMP), com pós-doutorado em Letras (UFRGS). É coordenadora do Projeto de Pesquisa *O artístico como rasgadura da imagem: trajetos discursivos em materialidades visuais* e líder do Grupo de Pesquisa em Discursividades, Cultura, Mídia e Arte (CNPq/UEM).

Vitória Delpino Castro

Mestranda em Letras, na área de concentração Linguagem e Sociedade, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Graduada em Letras Português/Italiano pela mesma instituição (2021). Bolsista Capes (2024). Professora de Literatura e de Língua Italiana.

Este minibook é resultado do Projeto de Pesquisa "O sujeito on na sociedade conectada: um modo de constituição na contemporaneidade", o qual foi financiado pela Fundação Araucária (CP 09/2021 - Programa Pesquisa Básica e Aplicada). Nele, diferentes pesquisadores buscaram produzir reflexões acerca da emergência de uma posição sujeito on e de uma sociedade conectada e como ambos se significam a partir das relações com o/no ciberespaço.

